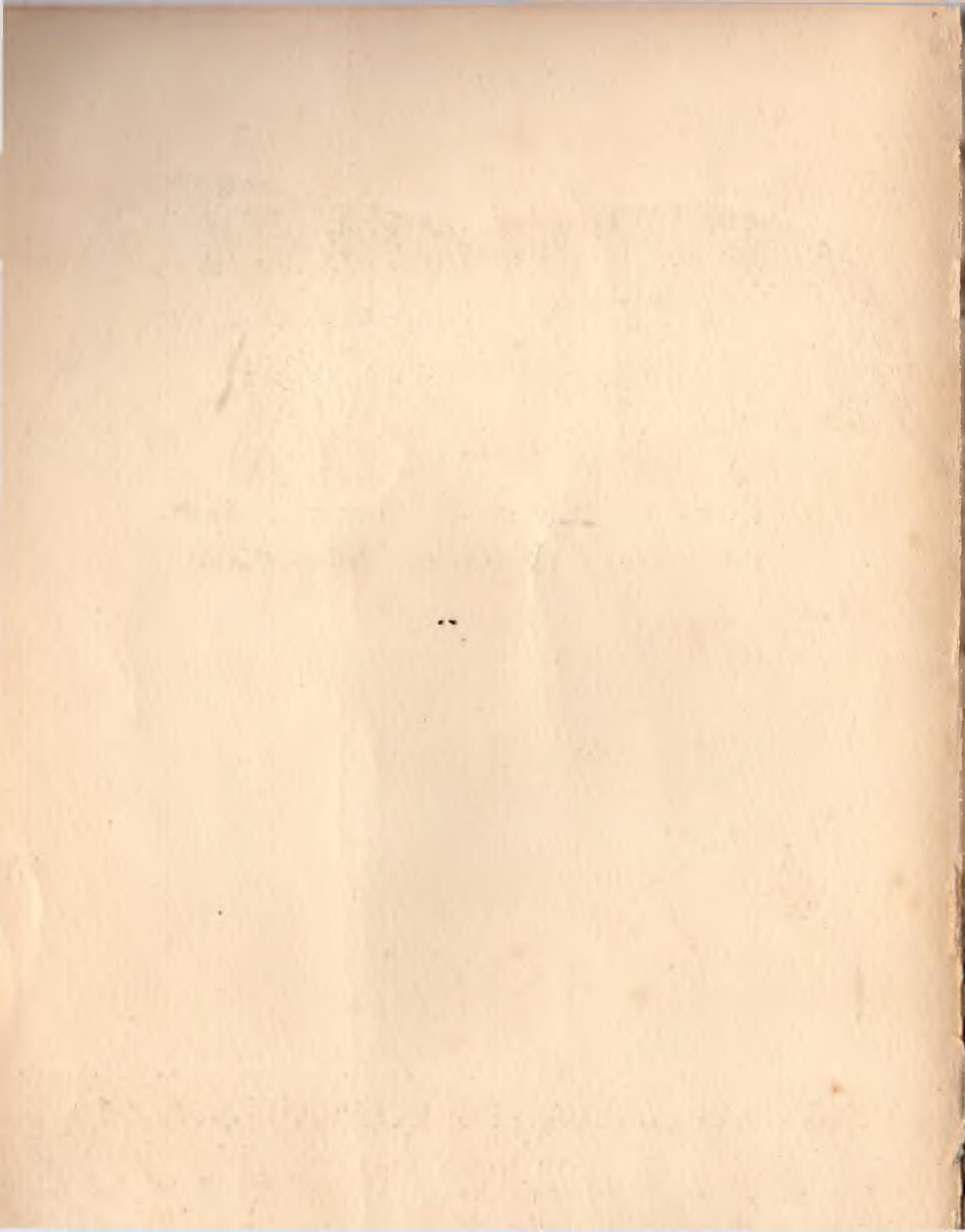




1961

*Cormariae*



Arquivo da Província  
Brasileira

# **Cormariae**

X

Documentário de Actividades  
Educativas – Culturais – Missionárias

RELIGIOSAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA

PORTUGAL 1961  
BIBLIOTECA DAS "FONTES"  
R S C M



**N**A HORA que vivemos, não será em África que palpita o CORAÇÃO DO MUNDO? Está em gestação uma ERA NOVA, no imenso Continente, cujo mistério o Europeu não logrou desvendar, em tantos séculos de ocupação.

Vigiam a África, atentos e cubiçosos, os Conquistadores de Impérios...

Debruçam-se sobre a África, com maléfica solicitude, os semeadores de discórdias...

Lançam à África olhares de cúpida avidez os economistas, os industriais e os comerciantes...

E Cristo, que a remiu, não há-de reinar em África?

E Portugal, que a deu à Europa e à Igreja, para a baptizarem e civilizarem? Não terá a Mãe-Pátria direitos sobre o seu florescente quinhão em África?...

Nas horas mais sombrias da nossa História, nunca a Padroeira nos faltou. Ela velará pelos Seus Domínios de Além-Mar.

E, no Seu Coração Materno, a dolorosa gestação de uma Era Nova transformar-se-á em floração de graças, para o Continente Africano!

.. \*

**C**ORMARIAE não podia alhear-se do momento crucial que representa para os destinos da Nação Portuguesa, o ANO DE 1961.

Queremos que tenha o significado de um PROTESTO e de uma HOMENAGEM o largo e carinhoso acolhimento que damos, no presente número, às actividades das nossas IRMÃS MISSIONARIAS.

Outros assuntos de inegável interesse cederam o passo a este. Ninguém no-lo levará a mal, com certeza.

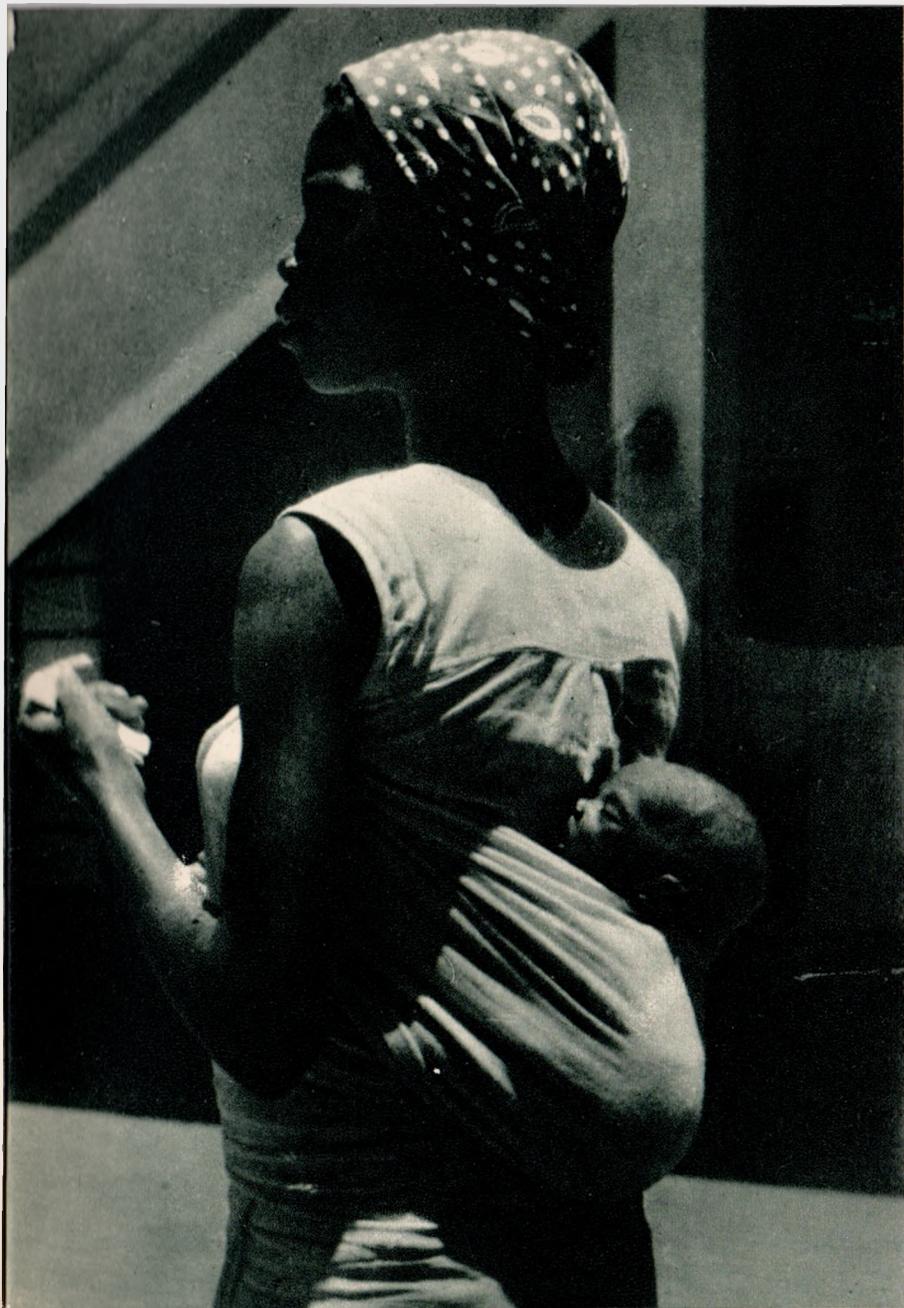


Nota da Redacção — As colaboradoras que estimariam ver publicado todo o material que, gentilmente, nos enviaram, pedimos benevolência para as omissões que notarem. As Páginas de Africa e o empenho de dar uma mais agradável apresentação gráfica à revista, impôs-nos esta selecção.

Aos leitores que, gentilmente, nos sugeriram a publicação de menos gravuras e mais colaboração literária, recordamos que CORMARIAE é simplesmente o «Documentário Anual» das actividades da grande Família do Sagrado Coração de Maria, em Portugal Continental e Ultramarino. Não pode ter a pretensão de ser, nem revista de cultura, nem de actualidades.

Neste 10.º número da sua publicação, repetimos o nosso invariável grito de armas: «AVANTE NUM SÓ CORAÇÃO — O CORAÇÃO DE MARIA!»

A REDACTORA



**A**ndo errante como ovelha desgarrada...  
Senhor, procura a tua serva!

(Salmo 119, 176)



## AFRICA — a grande AVENTURA

*Entre as núvens de poeira ou o faiscar dos relâmpagos, cruzam-se, na estrada, um negociante e um missionário.*

*Dois símbolos, dois interesses, dois caminhos: o bem temporal e o bem eterno.*

*Para ambos, a África surgiu como uma esperança de realização. Audaciosamente, ambos se lançaram na GRANDE AVENTURA.*

*A um e a outro, a nossa África deve o que desfruta de civilização. A estes, e a tantos outros que a desbravaram a rudes golpes de perseverante e denodado esforço.*

*É pena que estes irmãos civilizadores não tenham caminhado sempre lado a lado, numa colaboração fraternamente cristã, que permitisse resultados mais consoladores.*

*Diz-se que esta é a hora da África. Diz-se que esta é a hora da unidade mundial.*

*Estas duas parcelas da Verdade completam-se perfeitamente.*

*A África não verá chegar a sua hora se não se derem todos as mãos em unidade verdadeira, numa conjugação de ideais que possa envolver todo o Continente numa eficiente rede de trabalhos.*

*São muitas as ideologias que disputam o privilégio de dizer a primeira palavra civilizadora, em África. Para nós, que somos Igreja, é uma hora de presença obrigatória.*

*Essas almas que, em massa, abrem os olhos para um mundo novo e estonteante serão o que forem os que as esperam à entrada da comunidade dos homens livres e conscientes, para as introduzir no seu convívio.*

*Nenhuma vida humana pode germinar nem desenvolver-se sem o aconchego do seio materno. A Religiosa que, na Igreja, é Mãe — em continuação de Maria — Não pode estar ausente na hora em que se decide o destino de tantos membros do Corpo místico de Cristo.*

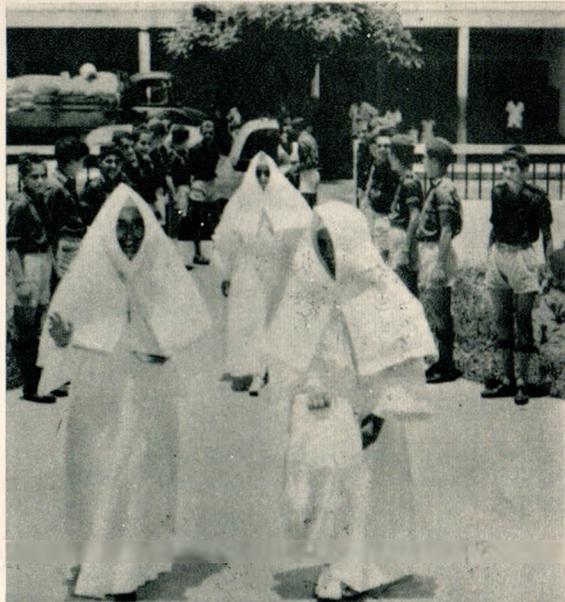
*De coração aberto em ânsias maternais, desdobra o seu manto virginal, para nele agasalhar a nudez corporal, moral e espiritual dos mais pobres dos seus filhos!*

MARIA ALOÍZIA FERNANDES, R. S. C. M.  
Superiora Provincial

## Em MOÇAMBIQUE

*Ao pisar, pela primeira vez, solo africano, e ao vibrar a uníssono com os sentimentos íntimos deste povo, bendizemos a hora em que Deus chamou as Religiosas do Sagrado Coração de Maria, a trabalhar numa seara que lhe é tão particularmente querida.*

Maria Aloísia Fernandes, R.S.C.M.  
Superiora Provincial



**Chegada da Rev. Madre Provincial ao Colégio de Quelimane**

*Setembro de 1952*

A primeira largada das nossas Misisonárias, em demanda de Terras de África.

A Fundadora das MISSÕES DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA, foi a generosa e dinâmica *Madre Inês de Jesus Soares Teixeira*, que só aos 66 anos realizou o belo sonho acalentado desde a infância.

Com Ela, partiram onze Religiosas (nove portuguesas, uma brasileira, e uma irlandesa), que um mesmo Ideal tentara para a «Grande Aventura» da África.

O Colégio *Liceal Nuno Álvares*, em QUELIMANE (Moçambique), foi a primeira pedra das suas fundações.



# VIDA

## Missionária

### QUELIMANE



1, 2 e 3 — Distribuindo roupas, géneros e arroz doce, nas «tembas» e hospital

Outras e outras seguiram a rota das Missionárias pioneiras. Decorridos nove anos, os resultados são animadores:

CINCO casas fundadas na *África Oriental Portuguesa*, pela Província de Portugal.

DUAS casas fundadas na *Rodésia do Sul*, pelas Províncias dos E. U. da América.

CINQUENTA religiosas trabalham, actualmente, nos Colégios e Missões de Moçambique.

★

Os «Retalhos da vida missionária», que damos neste número de CORMARIAE, são extractos de cartas, ou recortes de um jornalzinho dactilografado, que tem o título de «Ao longe», e que é lido com muito interesse nas nossas comunidades da Metrópole.

Escritas ao correr da pena, sem preocupações de propaganda, quanta simplicidade no heroísmo não revelam estas despreziosas crónicas do dia a dia missionário!

E as saborosas «histórias» dos seus pretinhos?

Assim a Providência vai amenizando a crueza dos trabalhos que passam, por seu amor. Porque, se é verdade que o indígena africano é simpático no acolhimento e aberto à Palavra de Deus, a sua alma está vinculada a fortíssimas tradições tribais, e a grosseiras superstições, herdadas de incontáveis gerações. Este é o obstáculo máximo à sua conversão ao Evangelho, e à sua transição a costumes mais civilizados.

Uma das activas apóstolas do Colégio de *Quelimane* dá-nos este «instantâneo»:

## BAPTIZEI UM PRESO

Um «jeep» militar parou à entrada do Hospital de Quelimane, enquanto descíamos as escadas.

— Irmã, vamos ver o que está ali.

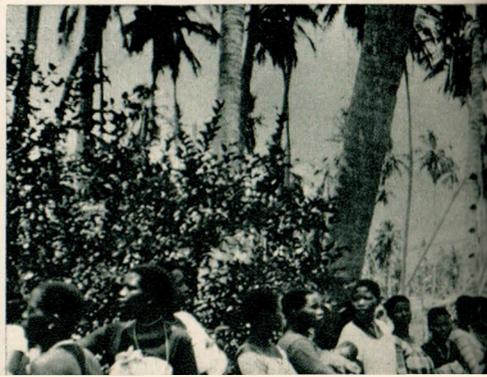
Aproximámo-nos do «jeep» e perguntámos:

— Quem baixa agora?

— Um preso, minha irmã, respondeu o cipaio indígena, levantando respeitosamente o capacete vermelho. Mas hoje não pode baixar, porque lhe falta um documento.



4 — Natal nas «tembas»; cantando junto do presépio; 5 — À espera da visita amiga da Missionária





2

3

Sentado atrás, no jeep, estava o preso.

— Como está? perguntei em «chuabo». Mas ele nada respondeu, porque era natural de Lourenço Marques e só falava «landim».

Pedi ao «chauffeur» para esperar um pouco enquanto procurava entre os enfermeiros, um «landim». Encontrei-o e apressámo-nos até à entrada, mas grande foi a nossa tristeza porque o «jeep» já lá não estava. Agradei ao enfermeiro e voltámos para casa. Eram cinco horas menos um quarto.

Felizmente, naquela tarde do dia 27 de Setembro, por causa de uma Sessão solene com os Catedráticos de Coimbra, não houve as aulas do costume. Estava livre, mas não conseguia prender a minha atenção aos cadernos que estava a corrigir.

— Irmã, vamos à cadeia. Não posso esquecer o preso.

Naquele momento chegou um catequista de Morumbala, o Domingos. Convidei-o a acompanhar-nos. Chegámos à cadeia. Por sorte, o Sr. Chefe estava à porta e facilitou a nossa entrada.

Deitado numa esteira, coberto com um cobertor e com umas calças dobradas a servir de almofada, lá estava o doente. Respirava com dificuldade. Ajoelhei-me ao pé dele e tomando-lhe uma das mãos inchadas na minha, disse-lhe suavemente:

— Amigo, está melhor?

Abriu os olhos inflamados pela febre e respondeu:

— Não, minha senhora.

— Queres o baptismo? perguntei.

— Não sei o que é, respondeu.

Felizmente o Domingos sabia o dialecto «landim». Seguiu-se, então, a explicação dos Mistérios da Fé; do pecado; do perdão. Fitando o olhar no Crucifixo, ele gritou:

— Peço perdão a Deus de todos os meus pecados!

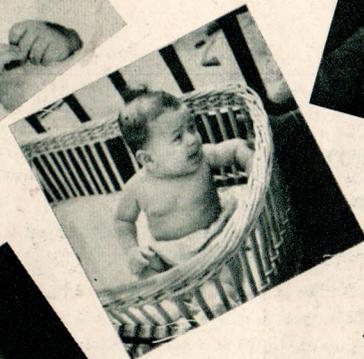
Era a hora da graça! Pedi um pouco de água e baptizei-o: Damião Maria.

No dia seguinte, quando o mesmo «jeep» o transportava ao Hospital, faleceu no caminho.

MARIA VERÓNICA, R. S. C. M.

5 — Assistência aos doentes, no hospital;  
6 — O Baptismo; derradeiro conforto recebido das mãos da missionária





*"Botõesinhos de Africa"*



***NOIVAS***  
*de Quelimane*



◀ **Depois do Baptizado**





# V I T R A L

Entro na sala de estudo, para a vigilância da tarde.  
É o meu primeiro contacto com as crianças do Gurúé.  
Primoroso vitral, multicolorido.

Aqui, bem junto de mim, «o menino bonito», de gesto gracioso, limpa, descuidadamente, as lentes verdes dos óculos, que lhe assentam, às maravilhas, no rosto moreno e bem contornado. É do grupo daqueles a quem a Felicidade diz a sorrir: *Far-te-ei boa companhia...*

Em vivo contraste, ao lado do *menino bonito*, o rapaz já crescido, de rosto congestionado pelo esforço, olhos colados às páginas que devora, numa luta constante de quem quer vencer e vence. É o primeiro da aula, apesar da anomalia gravíssima do nervo óptico.

No vitral, esta luminosidade forte e acentuada marca as vidas dos que foram talhados para as tarefas árduas e exigentes...

Acolá, o africano retinto, sossegado e trabalhador, de fato remendado e de olhar estranhamente melancólico... Quem me dera perscrutar o mistério que, apenas, me é dado entrever.

Os tons sombrios e indecisos realçam a beleza e o valor do meu primoroso vitral multicolorido.

Mais além, rostinhos inocentes de miúdos amorosos e meigos, que lembram esses anjinhos de pintores célebres, e cuja contemplação sossega o espírito, enchendo-o de Beleza e de Céu. Tenho ímpetos de imobilizá-los assim, nessa ignorância das surpresas amargas da vida, de subtraí-los à dolorosa experiência dos homens e das coisas, de conservar-lhes nos olhos a transparência e limpidez que arrebatam o próprio Deus.

Luzes diáfanas acariciam o meu primoroso vitral multicolorido.

Na fila das meninas, o esplendor da Primavera. Como é bela esta vida amanhecendo, a jorrar pujante das mãos do Criador! Vida que deve ser vivida em sublime ofertório à própria VIDA!

Os vidros das janelas amplamente rasgadas dão plena liberdade à Luz, que entra na sala — o meu pequenino mundo precioso — e projecta-se, em cheio, no meu lindo vitral multicolorido.

M. PAZZI  
R. S. C. M.



QUELIMANE

# COLÉGIO do S. CORAÇÃO de MARIA

★

## VILA JUNQUEIRO



Ao fim de um dia de calor escaldante e de pesadas lides escolares, o repouso e o recreio da Missionária é dar-se ao apostolado junto dos indígenas.

A avidez destas almas simples em receber a dádiva espiritual! Só tem igual a da Missionária, ansiosa por lha distribuir. Pôr no caminho do Céu uma almita inocente de criança, que alegria para ela!

Nos Domingos e Dias Santos, lá vão, porta fora, a visitar os

indígenas, nos seus acapamentos e palhotas, no Hospital e na Maternidade. E dão-lhes catecismo, ao fim da Missa, na Igreja da Vila, tão alegre e airosa.

As mães, dão também lições elementares de puericultura. As mamãs pretas — como todas as mamãs! — gostam de ver os seus filhinhos bem tratados.

Ora, uma das nossas Missionárias do Gurúê, tinha um sonho: dar o nome de Maria

da Conceição a uma pretinha. E conta-no-lo assim:

«Numa manhã radiosa, oitava da Imaculada, entrámos na Maternidade. Encontravam-se lá duas indígenas, cada qual com o seu filhinho.

Uma, robusta, sadia, corpo cravejado de tatuagens. Aparentava ao coração um pequenino, igualmente rechonchudo.

Não havia perigo de morrer! Deixámo-lo, com um sorriso e uma carícia.

1 — No hospital — visita às palhotas dos doentes. 2 — Um dos «guardas» do Colégio. 3 — Os empregados. 4 — A «Guidinha»





## VIDA MISSIONARIA no GURÚÊ

A outra mãe, uma criança — 14 anos, talvez! — tinha junto de si uma filhinha débil: um sopro de vida...

Inviadiu-nos a comoção: esta vida tão ténue não iria resistir, certamente...

E baptizámos a Maria da Conceição, envolvendo-a na brancura da Imaculada!

As crianças — e são numerosas as que acorrem, diariamente, ao Colégio, para estas lições — ensinam canto e jogos, higiene e ginástica.

E há uma Religiosa que, todas as tardes, se ocupa da educação e instrução do simpático grupo dos empregados, que aqui vemos, em «pose» risonha.

Entre eles, está o «Quim», que, pela pena duma Missionária, nos narra a sua vida comovente, no NOTICIÁRIO.

Alegria, tanta alegria que dá vê-los assim felizes!

— Quem são eles?

— Os nossos irmãos, os pretinhos!

Foi no Natal.

Todos contentes com os seus presentes, recebem e lá vão, estrada fora...

Mas logo aparecem outros:

— «Boa festa, sioa Madre!»

— Que vos hei-de dar?

— «Sioa Madre, um cigarro p'ra fumá».

E, por pequena que seja a oferta, sorriem e agradecem.

(Das NOTAS de M. de Pozzi, M. Coeli e Bernadette da Conceição, R.S.C.M.)

5 — Na lição de puericultura. 6 — Graça infantil na África. 7 — O «Quim» — cuja história é feita de tragédia e ternura

5

6

7



# MISSÃO de S. João Baptista

## MORRUMBALA



1 — Aula de catecismo no  
«CUMBABO»

### Retalhos da vida missionária

O Natal, na MORRUMBALA, tem um sabor tipicamente missionário. É um Natal ingénuo e pobre. O Menino Jesus deve gostar de lá ir nascer!

Conta-o assim uma das nossas Missionárias:

«O Natal era esperado com ansiedade, na Missão. O Rev.º P.º Superior tinha oferecido um **vestido de festa**, a cada uma das nossas alunas internas. Durante as aulas de costura, a Irmã Manuela talhava e cosia à máquina. Depois, cada uma ajudava a acabar o seu vestido. Ficaram muito engraçados e elas — como é natural — todas vaidosas...»

Depois da Missa da Meia-Noite, reuniram-se na sala de costura, onde tínhamos armado um presépio. Sobre uma mesa, o resto dos presentes:

Um pãozinho, um chupa, uma travessa para o cabelo, uma medalha e várias prendinhas enviadas do Brasil... — com tão pouco se faz o felicidade duma pretinha!

No dia 25, distribuição de roupas aos alunos das «tembas» (aldeias). Cada irmã fazia a chamada dos seus alunos e presenteava-os com uma blusa, uma camisa ou um vestido de bebé, conforme as circunstâncias (note-se que se trata de adultos e, alguns, pais de família...).

A completar a «consoada», três reбуçados, uma medalha, um litro de farinha e uma pequena medida de açúcar.

Recebidas as prendas, a Madre Superiora dava-lhes o Menino Jesus a beijar — o que era, para alguns, uma complicada cerimónia!

— «Ndoko beijar Muana Jesu!» — recomendava a intérprete. Mas eles não sabiam como haviam de fazer. Deitavam a lingua de fora e lambiam respeitosamente a perninha da imagem!...

No fim da festa — remata a cronista — tive que lhe dar um bom banho...»

(Das NOTAS da Madre Maria Inês, R.S.C.M.,  
Superiora da Missão)

4 — A chegada das catequistas e um aldeamento indígena — «CUMBABO», no dialecto local



5 — Visita à família dum professor indígena





2 — Um aluno catecúmeno, de nome NDEKA (avião!)



3 — Mesmo de costas, a «conversa» é animada...

O problema da perseverança do indígena no nível de vida religiosa e social, a que tende a elevá-lo o esforço missionário, só se resolve satisfatoriamente criando núcleos de famílias cristãs. É porque toma este magno problema muito a peito, a Missionária dá inteligente e desvelada colaboração à formação de novos lares, entre as suas alunas e os rapazes da Missão.

Regra geral, o pretendente vai entender-se com a Superiora e, ou leva já escolhida a «leiteira», ou pede que lhe escolham uma, de entre as raparigas do Internato. Se é aceite a sua pretensão — e nem sempre é bem sucedido, porque a pretinha também tem os seus caprichos! — começa o namoro. Segundo as normas indígenas, nesta região, falam-se de costas um para o outro...

Também acontece receberem carta a pedir namoro. Neste caso, trata-se, habitualmente, de pretendente que se encontra longe da Missão, mas a timidez também leva, por vezes, um ou outro de mais perto a usar deste meio. Foi o caso do signatário da carta tão curiosa, de que damos cópia textual.

6 — No posto sanitário, tratando doentes



«Morrumbala 25/5/60

*Querida Noiva Joana Duarte*

*Saudade cara amiga como te passa?  
Quanto a mim tudo muito igual sem nada de motivo.*

*Ora amiga, eu desejo muito a falar contigo acerca da nossa combinação de maneira que eu já falei com os teus Paizinhos a mi aceitarem, urgente para eu saber. Muito grande favor que peço a V. Senhora muito querida.*

*Sem faltar resposta porque eu te preciso muito a ser a minha Noiva futura.*

*Ora Amiga eu Posso aprender o catecismo até ser o cristão.*

*Sem outro assunto.*

*Muito obrigada aquela que vai ler. Sempre o vosso futuro Noivo.*

**Sábado Nhamilhambo**

Dig.<sup>mo</sup> Moleque do Senhor  
Chefe do Posto de Chise

7 — Visita a D. Rosa, 1.<sup>a</sup> mulher do Régulo (ao centro)



# MISSÃO de S. João Baptista

## MORRUMBALA



1 — Aula de catecismo no  
«CUMBABO»

### Retalhos da vida missionária

O Natal, na MORRUMBALA, tem um sabor tipicamente missionário. É um Natal ingênuo e pobre. O Menino Jesus deve gostar de lá ir nascer!

Conta-o assim uma das nossas Missionárias:

«O Natal era esperado com ansiedade, na Missão. O Rev.º P.º Superior tinha oferecido um **vestido de festa**, a cada uma das nossas alunas internas. Durante as aulas de costura, a Irmã Manuela talhava e cosia à máquina. Depois, cada uma ajudava a acabar o seu vestido. Ficaram muito engraçados e elas — como é natural — todas vaidosas...»

Depois da Missa da Meia-Noite, reuniram-se na sala de costura, onde tínhamos armado um presépio. Sobre uma mesa, o resto dos presentes:

Um pãozinho, um chupa, uma travessa para o cabelo, uma medalha e várias prendinhas enviadas do Brasil... — com tão pouco se faz o felicidade duma pretinha!

No dia 25, distribuição de roupas aos alunos das «tembas» (aldeias). Cada irmã fazia a chamada dos seus alunos e presenteava-os com uma blusa, uma camisa ou um vestido de bebê, conforme as circunstâncias (note-se que se trata de adultos e, alguns, pais de família...).

A completar a «consoada», três rebuçados, uma medalha, um litro de farinha e uma pequena medida de açúcar.

Recebidas as prendas, a Madre Superiora dava-lhes o Menino Jesus a beijar — o que era, para alguns, uma complicada cerimónia!

— «Ndoko beijar Muana Jesu!» — recomendava a intérprete. Mas eles não sabiam como haviam de fazer. Deitavam a língua de fora e lambiam respeitosamente a perninha da imagem!...

No fim da festa — remata a cronista — tive que lhe dar um bom banho...»

(Das NOTAS da Madre Maria Inês, R.S.C.M.,  
Superiora da Missão)

4 — A chegada das catequistas a um aldeamento indígena — «CUMBABO», no dialecto local

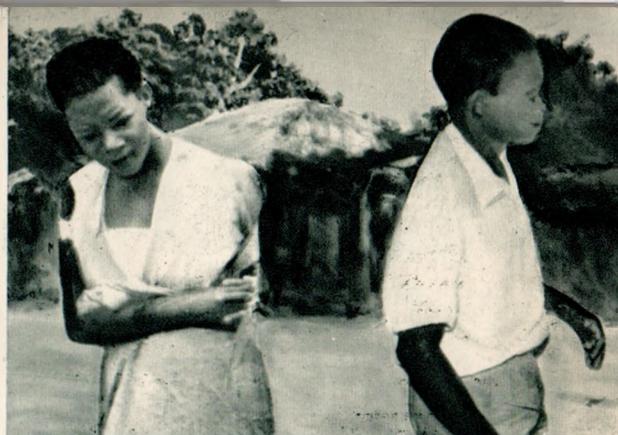


5 — Visita à família dum professor indígena





2 — Um aluno catecúmeno, de nome NDEKA (avião!)



3 — Mesmo de costas, a «conversa» é animada...

O problema da perseverança do indígena no nível de vida religiosa e social, a que tende a elevá-lo o esforço missionário, só se resolve satisfatoriamente criando núcleos de famílias cristãs. É porque toma este magno problema muito a sério, a Missionária dá inteligente e desvelada colaboração à formação de novos lares, entre as suas alunas e os rapazes da Missão.

Regra geral, o pretendente vai entender-se com a Superiora e, ou leva já escolhida a «seleita», ou pede que lhe escolham uma, de entre as raparigas do Internato. Se é aceite a sua pretensão — e nem sempre é bem sucedido, porque a pretinha também tem os seus caprichos! — começa o namoro. Segundo as normas indígenas, nesta região, falam-se de costas um para o outro...

Também acontece receberem carta a pedir namoro. Neste caso, trata-se, habitualmente, de pretendente que se encontra longe da Missão, mas a timidez também leva, por vezes, um ou outro de mais perto a usar deste meio. Foi o caso do signatário da carta tão curiosa, de que damos cópia textual.

6 — No posto sanitário, tratando doentes



«Morrumbala 25/5/60

*Querida Noiva Joana Duarte*

*Saudade cara amiga como te passa?  
Quanto a mim tudo muito igual sem nada de motivo.*

*Ora amiga, eu desejo muito a falar contigo acerca da nossa combinação de maneira que eu já falei com os teus Paizinhos a mi aceitarem, urgente para eu saber. Muito grande favor que peço a V. Senhora muito querida.*

*Sem faltar resposta porque eu te preciso muito a ser a minha Noiva futura.*

*Ora Amiga eu Posso aprender o catecismo até ser o cristão.*

*Sem outro assunto.*

*Muito obrigada aquela que vai ler. Sempre o vosso futuro Noivo.*

**Sábado Nhamilhambo**

Dig.º Moleque do Senhor  
Chefe do Posto de Chise

7 — Visita a D. Rosa, 1.ª mulher do Régulo (ao centro)



# ESCOLA NORMAL

## do Sagrado Coração de Maria

### NO DONDO-Beira

A nova «Escola do Sagrado Coração de Maria», abriu a 13 de Outubro de 1961, com a presença de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. Sebastião Soares de Rezende, estando representadas, pelas suas Superiores, as Comunidades de **Quelimane** e da **Morrumbala** e, pelas Rev. Mães Thomas e Albert, «Marymount College» de **Untáli** (Rodésia do Sul). A acompanhar a pequenina Comunidade do **Dondo**, na inauguração particular da Escola, estiveram também os Rev.™ Padres que trabalham no Paço, assim como os da Residência da Companhia de Jesus, na Beira, e algumas pessoas amigas.

A inauguração oficial está prevista para 1962. Por enquanto, a Escola está na primeira fase da construção e ficou repleta com as 34 alunas, que vieram das diferentes Missões da Diocese, correspondendo de maneira imprevista e animadora à nossa expectativa.

★

Uma Escola de Professoras para indígenas tem uma feição muito peculiar. O Curso dura três anos e, além do programa de estudos oficialmente estabelecido, há que ter em vista uma preparação, quanto possível eficiente, para que estas raparigas não só venham a ser boas professoras, mas possam ainda constituir lares civilizados e civilizadores. Algumas das nossas alunas já estão noivas de professores, que esperarão até que elas acabem o Curso, para realizarem o casamento. Em geral, estas raparigas são sensatas e trabalhadoras e trazem para a Escola a legítima ambição de viver no nível social duma professora.

Ver continuação no NOTICIÁRIO.



Uma delas, despediu um pretendente, escrevendo-lhe nestes termos:

«Eu não sou uma menina qualquer, já estou a esquecer o calze e sei escrever uma carta em português, portanto você case com quem quiser mas não espere por mim.»

Também os rapazes se dirigem frequentemente a nós para os ajudarmos a escolher noiva. Sendo importantíssimo este problema, para a elevação social do indígena, logo que seja possível daremos início a um Curso de preparação familiar, para noivas e mulheres casadas, e começaremos a visitar as famílias da Missão, para lhes prestar assistência social no próprio lar.



Dentro da mesma ordem de ideias, as alunas fazem a aprendizagem de todos os trabalhos de casa, tendo em especial conta a costura, a enfermagem, a puericultura.

## PEBANE

QUELIMANE, 13 de Dezembro de 1961.

Pelas 15 horas, já se encontrava, no Aeroporto a Comunidade destinada a PEBANE: Madre S. Calisto (Superiora), Madre Benigna de Jesus, Irmã Maria e Irmã Sameiro.

Num céu bem negro, começavam a fuzilar relâmpagos e, ao longe, ouviam-se trovões...

Perguntámos ao aviador:— Com este tempo, o avião sobe? — Sim, para os lados de PEBANE não há tempestade. Além disso, iremos sempre a pequena altura, sem subir às nuvens.

As 15,30, o táxi-aéreo de cinco lugares levantava voo, com a pequenina Comunidade que tive o gosto de acompanhar.

Voamos costeando o mar por cima dos palmares de QUELIMANE, a que se seguiu pântanos e terrenos de arroz, recortados pelos rios e seus afluentes, em arriscados zigzagues ou ondulações, que nos traziam à memória a Epístola de S. Paulo: «... em perigos de ladrões, em perigos de mar» e — podíamos nós acrescentar — em perigos de ar...

Depois de 35 minutos de voo, já se abriam as nuvens, no céu azul de PEBANE. Lá em baixo, no campo de aviação, a população europeia esperava-nos com um ar de satisfação invulgar. Todos queriam oferecer os seus carros às Irmãs.

Para desenvolver harmoniosamente todas as suas faculdades, servimo-nos de meios variados: liturgia, canto, danças regionais, teatro, passeios. Levamo-las a vestir-se com gosto e a adquirir hábitos de higiene pessoal.

A necessidade de conseguir o máximo no mínimo de tempo, faz-nos lançar mão de processos modernos, tais como o gravador, para lhes corrigir a dicção, e um epidioscópio (que, breve, esperamos ter) e que, pela projecção, alargará os horizontes do pequeno mundo em que têm vivido, até agora.

Finalmente, um pequeno laboratório vai iniciá-las no estudo experimental e de observação das Ciências Físico-Naturais, levando-as a concluir que elas próprias têm possibilidades de arranjar abundante material didáctico, para a sua futura escola.

Estes são os nossos planos. Do Senhor depende a sua realização!

(Das NOTAS da Rev. Madre Maria das Mercês, R. S. C. M., Superiora da Escola)

Naquele «cortejo», descemos até à vila, a 8 quilómetros dali. Visitámos Nosso Senhor na Capela-Escola da MISSÃO do BOM PASTOR, que não resisto a descrever:

Uma sala rectangular, com dois quartos laterais e uma palhotinha, fora, para servir de cozinha. Por detrás da sala, abrem-se umas portadas, que escondem o altar — pobre morada do Senhor do Céu e da Terra! Na largura da pequena casa, foi construída uma varanda funda, que serve de sala de aula, e de onde se pode assistir aos actos do culto, pois tem ligação com a capela.

Esta é a residência dos dois sacerdotes, MISSIONÁRIOS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, que ali trabalham, há dois anos, e que bem satisfeitos ficaram com o providencial reforço de quatro Missionárias.

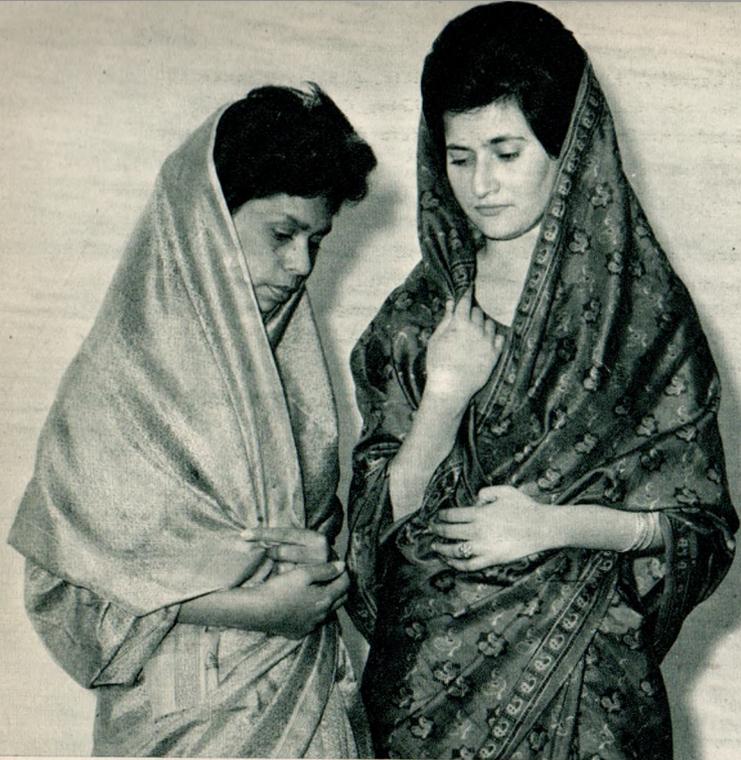
A nossa casa, é uma moradia à inglesa, novinha e bonita, mas muito pequenina.

Aquelas quatro Irmãs, agora instaladas na sua casinha sobranceira ao lindo porto natural de PEBANE, são mais uma presença de Esperança nas nossas praias de Moçambique.

(Das NOTAS da Rev. Madre Maria do Bom Conselho, Superiora-Responsável das Casas da Província Portuguesa do S. C. M., em Moçambique)

A A L M A  
de  
P O R T U G A L  
chora  
a sua

**FILHA  
PREDILECTA**



**P**ORTUGUESES: vesti de negro! A Mãe Pátria está de luto. A velha e veneranda Lusitânia chora e, com ela, todos os seus bons filhos, debruçados sobre o túmulo da nossa irmã estremecida, a filha muito dilecta desta Nação fecunda e civilizadora:

**ÍNDIA! ÍNDIA! ÍNDIA!**

Virgem dos nossos encantos, que encheu uma linda e gloriosa História de 451 anos, a Índia misteriosa e ardente, com que sonharam poetas e marinheiros, missionários e soldados, reis e fidalgos, cruzados e descobridores, aventureiros e artistas, geógrafos e náuticos, comerciantes e economistas... a Índia tombou às mãos dos inimigos da civilização cristã e europeia, novos vândalos para quem nada existe além do direito da força!

Dói-nos profundamente a queda da nossa augusta Índia, pela qual  
tantos portugueses  
sofreram e morreram,

lutaram e trabalharam,  
navegaram e descobriram terras,  
escreveram crônicas heróicas e compuseram poemas,  
arrostaram tormentas e suportaram naufrágios,  
aniquilaram monstros e afugentaram Adamastores,  
fixeram tremer Neptuno e desencantaram sereias,  
abriram as portas de mundos escondidos e espantaram  
as sombras do Mar Tenebroso...

**ÍNDIA! ÍNDIA! ÍNDIA!**

A jóia mais fulgurante da nossa auréola, não a mais rica, mas preciosíssima pelo seu valor estimativo, árvore do paraíso cujas raízes mergulham no mais fundo da alma lusitana!

Ai! Arrancaram-nos um pedaço da alma! Cravaram-nos um espinho no coração! Mutilaram o nosso corpo, golpearam-nos as artérias, por onde circula sangue indiano desde Vasco da Gama, Afonso de Albuquerque, D. João de Castro...

Camões, ó grande Camões, que sorveste, a largos haustos, na arrancada marítima para a Índia, a inspiração que te elevou ao trono de Príncipe dos Poetas, tu, salmista maior das glórias nacionais e também profeta de tragédias, vem chorar com os portugueses do século XX, a quem a fatalidade feriu, vem rematar os teus inacabados «Lusíadas» com o undécimo canto de uma elegia:  
**ÍNDIA PERDIDA!**

Que vai ser de ti, ó filha predilecta do amor português?

**ÍNDIA! ÍNDIA! ÍNDIA!**

C. MAIA



# Ansiedade!

Deus me livre de sentir-te satisfeito,  
plenamente acalmado...

Deus me livre!

Quero sentir te assim um descontente  
Com esta chama a devorar-te o peito,  
Quero sentir-te sempre um torturado!

Prefiro saber que tu morres de sede,  
com a boca na fonte,  
A gritar pela água verdadeira.  
Deixa que te chamem louco  
e continua cada vez mais louco,  
a vida inteira.

Ah! Prefiro mil vezes saber que tu morres de fome  
como o pobre Lázaro,  
ante a mesa farta do banquete da vida  
que, a tantos, deliciã...  
Gosto de ver-te, ali, no chão, humildezinho,  
a implorar do Céu uma migalha,  
pois que nada, na terra, te sacia.

Gosto de ver-te sempre esfomeado...  
Faz vibrar, mais e mais, teu ansioso grito:  
— o que tu tens é fome,  
— o que tu tens é sede de infinito!

Apraz-me ver-te assim nesta tortura,  
Pois...

Bem-aventurado aquele que tem sede,  
Bem-aventurado aquele que tem fome:  
Há-de chegar o dia da fartura!

MARIA MADALENA DE PAZZI  
R. S. C. M.

# Passos da Vida



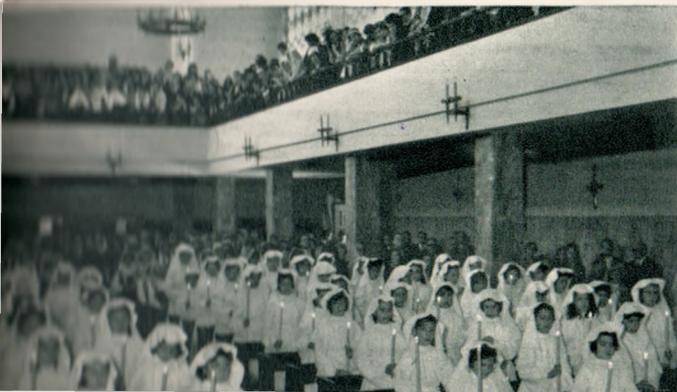
O primeiro passo, é o BAPTISMO, que faz dele FILHO DE DEUS e o introduz na Igreja Católica.

Marcado com o Sinal da Cruz, purificado pela água baptismal terá a peito VIVER o conselho que o sacerdote lhe dá, ao despedi-lo:

— «Guarda irrepreensível o teu baptismo, obedece aos Mandamentos, para que, quando o Senhor vier, possas correr para Ele e VIVER ETERNAMENTE!»

Na segunda infância, a PRIMEIRA COMUNHÃO iniciará, com um primeiro elo, a cadeia de graças que irá estreitando, cada vez mais, a intimidade do filho de Deus com o seu Pai.

O «Pão do Céu», recebido frequentemente, vai retemperar-lhe as forças para a contínua ascensão e «guardar a sua alma, para a vida eterna.»



Ao despontar da ADOLESCÊNCIA, recebe, na CONFIRMAÇÃO, os dons do Espírito Santo. É o «Sacramento do Apostolado»: um Cristão é responsável pela salvação de todos os homens.

...«que aqueles que marcamos com o Sinal da Cruz, o Espírito os faça perfeitos, tornando-os Sua morada» — implora o Bispo pelos confirmandos.

Na JUVENTUDE, abrem-se os caminhos do futuro.

Vida religiosa ou sacerdotal?

Vida de doação, na virgindade?

Vida matrimonial?

O que importa é acertar com a vontade de Deus.

Se o Senhor chamar o Cristão ao MATRIMÓNIO, que a intimidade dos «dois», no período que antecede a recepção do «grande Sacramento», tome aquela elevação espiritual que os levará, de alma leve e cantante, à subida do degrau do casamento.

E que a bênção sacramental os acompanhe, pela vida fora, como lhes deseja a Igreja:

«...abençoi-os Senhor, para que permaneçam na graça desta bênção, perseverem no cumprimento dos vossos Mandamentos e VIVAM NO VOSSO AMOR.»

E assim, PASSO A PASSO, numa Vida em plenitude de Ideal Cristão — embora com deslizes de fraqueza humana, a quebrar, momentaneamente, a sonhada recta do caminho — o Cristão chegará ao termo da jornada: a VIDA ETERNA.





**D**EUS fez em nós uma troca de corações: sofro, sinto, penso e amo o que tu pensas, sentes e sófres.

Assim é porque estamos unidos num amor que é DEUS.

PIERRE VAN DER MEER DE WALCHEREN



# Os Nossos pequeninos





**A** glória dos astros faz a beleza do Céu.

(Ecl. 43,9)

... e a graça dos pequeninos faz a glória de suas mães!





Duas vidas ao serviço de um IDEAL:

DEUS \* PÁTRIA \* FAMÍLIA

# A INFLUÊNCIA RELIGIOSA

## NA

# LINGUAGEM POPULAR

Extracto da dissertação da Madre Margarida de Jesus Torres, R. S. C. M., para a licenciatura em Filologia Românica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, no ano lectivo de 1958-59.

### 1. A RELIGIÃO E AS SUAS MANIFESTAÇÕES

Desde sempre o homem acreditou na existência de um Ser Supremo, autor e senhor de todas as coisas. O céu é a sua morada donde vê tudo que se passa na terra. Vela sobretudo pelo cumprimento das leis morais que instituiu e cujas transgressões pune ainda mesmo nesta vida ou numa outra de além-túmulo, cuja concepção é geral, ainda que por vezes bastante confusa.

Mesmo nas religiões mais primitivas misturadas de superstições, aparecem bem vinculados actos pelos quais o homem cumpre os seus deveres para com Deus e cujo conjunto constitui o culto.

O ser humano, composto de alma e corpo, tem consequentemente necessidade de culto interno e externo. O primeiro é aquele que é prestado pelas faculdades superiores do homem. E sendo o corpo uma das partes essenciais do homem, também ele tem obrigação de render a Deus as homenagens que lhe são devidas e que constituem o culto externo. Além disso, a influência do moral no físico faz com que se reflitam externamente os nossos actos íntimos. E também é verdade que em virtude da acção do físico sobre o moral, os actos externos favorecem os sentimentos internos correspondentes. Donde se conclui que o culto externo, sendo simultaneamente consequência e condição necessária do culto interno, é imprescindível. Como ser sociável o homem deve como tal, isto é, colectivamente, mostrar a sua submissão a Deus. É isto o culto público que em sociedade presta a Deus. Foi esta última espécie de culto que, por ser um desenvolvimento e codificação do culto externo, mais influenciou a linguagem popular.

Deus, é o conceito fundamental da religião. Ele é a origem, o governo, o fim de todas as coisas. Por isso não é de admirar que, ao estudar a influência da religião na linguagem popular, comecemos pelo nome de Deus. A sua influência, de facto, foi notável e decisiva.

O povo, porém, não apreendeu o conceito «teológico» de Deus, isto é, na riqueza inexaurível da sua vida divina. Esse conceito «teológico» é uma verdade quase inacessível para ele.

O povo encarou o problema de Deus sobretudo nas suas manifestações, enquanto se relaciona com o homem.

## RELAÇÕES COM DEUS

Deus é a suprema providência. Alguém é pobre e não tem quem lhe preste auxílio visível? Deus se encarregará de o ajudar, «*está à conta de Deus*» (1). Diz-se também «*que vive de graça*» ou «*que vive pela graça de Deus*» (2), ou que «*vive do amor de Deus*» (3).

A misericórdia divina é o sustentáculo dos pobres: «*É por Deus que ela não morre de fome.*»

No meio das maiores tribulações, há sempre esperança em Deus:

«*Maria, Deus é pai de misericórdia!*» (4).

Quando não cabe no possível dar-se solução a alguma coisa, diz-se à maneira de fórmula impetratória:

«*De Deus lhe venha o remédio.*»

«*A Deus nada é impossível.*»

Há a consciência profunda de que é Deus quem distribui generosamente todos os bens.

Tudo o que Deus dá é para bem das suas criaturas:

«*Foi uma bênção de Deus aquela chuva, foi um oiro.*» (5).

Quando Deus ajuda, tudo é possível:

«*Nós não podemos chegar a tudo. Mas, com a ajuda de Deus!*» (6).

É impressionante a noção que tem o povo de que é Deus o autor da vida, de que é Ele quem concede os filhos:

«*O primeiro filho que Deus te der ou Maria ou Manuel.*» (7).

Só Deus é guia seguro, só Ele é capaz de orientar a vida do homem pelo caminho do bem:

«*Pois muito bem haja. E já que a uma fineza quer ajuntar outra, oxalá que Deus lhe guie os passos.*» (8).

Se o povo crê sinceramente que é Deus quem concede todas as graças, também é profundamente agradecido. É frequentíssima a expressão «*Graças a Deus*» quando se fala de algum benefício recebido, de algum mal evitado:

«*E eu, meu rico? Dá graças a Deus que não temos nada empenhado e se devemos, é esses cigarros que o lume do inferno consuma.*» (9).

E com o sentido de «*com coisas sérias não se brinca*» vejamos a mesma expressão:

«*Graças a Deus, muitas, graças com Deus, nenhuma.*» (10).

Na adversidade não há revolta, há conformidade perfeita. Atesta-o a grande variedade das expressões encontradas:

«*Faça-se a vontade de Deus!*»

«*Bendito seja Deus!*»

«*Deus seja louvado!*»

«*Seja pelo amor de Deus!*»

«*Seja pelo divino amor de Deus!*»

O povo confiante crê que tudo depende da vontade de Deus:

«Não há-de ser nada, se Deus quiser — profetizou o groom.» (11).

É frequentíssimo ouvir-se dizer «*seja o que Deus quiser*» ou «*será o que Deus quiser*»:

«António: — Então!... Quando vierem n'os filhos... *Há-de ser o que Deus quiser! Hão-de se criar!*» (12).

«Este ano será *o que Deus quiser*. Vai-nos fazer falta o rapaz, que se casou hoje...» (13).

Há o receio de ofender a Deus:

«Ah! amiguinha! (suplicante) *Não dês escândelas a Deus, mulher!*» (14).

A palavra Deus aparece também em numerosas expressões feitas e que exprimem ideias de dúvida, incerteza:

«*Anda por aí a Deus e à ventura.*» (15).

«O Ti Joaquim da Catrina anda lá pelos Brasis *sabe Deus como.*»

Esta última expressão, bem como outras, «*como Deus é servido*», e «*como Deus quer*», emprega-se também no sentido de sofrer privações e para indicar doença, mal-estar.

Assim como para um profano o melhor fato é o de se apresentar em sociedade, para o nosso povo profundamente religioso a roupa melhor é a «*de ver a Deus*», isto é, a que leva à Missa aos domingos e festas de guarda:

«O Brás vestiu a *andaina de ver a Deus* do serrobeco de boa dura que vinha em tempos pelas portas...» (16).

Há ainda outras expressões em que nos aparece a palavra Deus:

«*Perder a Deus*» é incorrer no seu desagrado (17) e «*renegar a Deus*» é blasfemar. Mas não tarda a reconciliação, e arrepender-se dos seus pecados ou pedir perdão deles é «*pôr-se de bem com Deus*».

Quando alguém expõe a sua saúde ou a sua vida imprudentemente diz-se que «*é mesmo um tentar a Deus*». Esta expressão usa-se também quando alguém blasfema e assim desafia a cólera divina.

O povo julga que Deus também se zanga...

«Martinho: — *Foi castigo de Deus, homem! Não levantes a mão...*» (18).



1



2



5



1 — Um «Castelo» de briosos alunos do Colégio Nun'Álvares.  
2, 3 e 4 — Alunos da Catequese. 5 — Um grupo de «Antigas»  
da Metrópole e de Quelimane

8

## VIDA COLEGIAL



São múltiplas as actividades das Religiosas que trabalham em QUELIMANE e, em geral, em todo o Ultramar. Aulas, iniciativas culturais e artísticas, desporto, reuniões de «antigas» e apostolado, tudo requer a sua presença amiga e animadora.



3



4



6



7

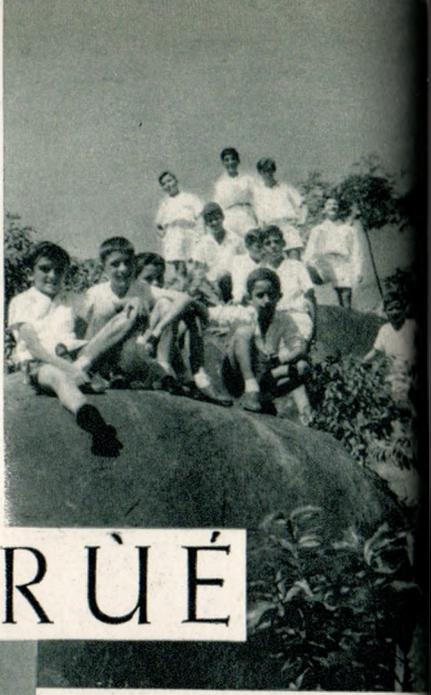
## EM QUELIMANE

6 — Tardes de Caridade: A «Rainha da Alegria». 7 e 8 — Arraial Minhoto em... Moçambique. 9 — No Centenário do Beato Nun'Álvares, patrono do Colégio

9

Dedicam também muito tempo à catequese do indígena — crianças e adultos —, à visita às «tembas» e ao hospital. São as suas HORAS MISSIONÁRIAS, as melhores de cada dia, aquelas por que suspiraram, ao partir para África.





VILA JUNQUEIRO — a pequenina «vila» enfastada no cenário de maravilha que é o nosso GURUÊ, está dotada de um moderno «Colégio-Liceal».

# NO GURUÊ

As suas actividades colegiais vão em promissor desenvolvimento.

Da alegria, exuberância e dedicação dos Alunos do GURUÊ, falam suficientemente as gravuras desta página e a da página 4. O Natal do Indígena foi preparado com extremos de carinho e generosidade.



# os nossos irmãos os pobres



O contacto pessoal com a pobreza e o sofrimento é elemento precioso na nobre tarefa de Educar; dá à Juventude percepção mais real da Vida; liberta-a do egoísmo inconsciente que tantas vezes lhe tolhe sentimentos e acções generosas; proporciona-lhe magníficas ocasiões de fazer o Bem.

Acomodando-se à diversidade dos tempos e dos países, nunca deixou o Instituto do Sagrado Coração de Maria de iniciar a juventude nessa evangélica tarefa — a que o Senhor ensinou no revolucionário **SERMÃO DA MONTANHA**, que nunca os séculos hão-de envelhecer.

As actuais Alunas, tomaram nas suas mãos a herança que as «Antigas» lhe deixaram e, com a audácia e o espírito de iniciativa que as modernas condições de vida desenvolvem na gente nova, estão a realizar larga e fecunda **ACCÃO SOCIAL**.

## testemunhos pela imagem e pela palavra

Algumas, mais apaixonadas por estes problemas, enveredaram até para o «Curso de Serviço Social».

Bastariam as imagens que publicamos nas páginas dedicadas aos **NOSSOS IRMÃOS OS POBRES** — o título é delas — para dar uma ideia das suas actividades, neste campo. Mas os testemunhos anónimos que as acompanham não são menos eloquentes.

*A Redactora*



**P**OSSO afirmar que, nos momentos mais difíceis da minha vida, fui ao encontro da miséria, visitei os tugúrios, toquei de perto as chagas morais dos pobrezinhos e, ao regressar desses «visitas», voltei sempre com um sorriso nos lábios, quase esquecida de que sofria, pois escondera bem no fundo da minha alma tudo aquilo que era meu, para me dar aos outros, que também sofriam.

Uma Assistente Social  
 («Antiga» da Guarda)



O ceguinho do «Bairro da Pasteleira» nunca verá a sua fotografia, mas consolou-o esta atenção e o mimo que deram às netinhas

(Alunas do Colégio do Porto)

**P**ela carta que quem fez o dicionário nunca se lembrou de admitir a existência de que seres humanos vivem pior do que os própri-  
os animais. Assim, é difícil buscar termos adaptados à descrição da enorme miséria que se depõe à quem vai pela primeira vez ao *Casal Ventoso*.

Porém, se é primeira vez nos sentimos chocados, à medida que vamos aprofundando esse bairro, surge-nos tal possibilidade que nos apetece fugir, voltar para casa e esquecer...

Não entanto, é difícil — sendo impossível — esquecer os pequenos seminus, sujos e sem baptizar, que encontramos no caminho.

É difícil esquecer, porque lá, tudo é diferente.

É diferente a voz das pessoas. Às vezes temos a sensação de que ouvimos um grito selvagem. Afinal, não passa de uma garganta estrangulada pela fome, que chama pelas filhas.

É diferente a cara das pessoas. Algumas parecem pertencer a corpos desenterrados, outras a entes que se movem mecânicamente.

O que em quase todos é constante, é a dor e a revolta que se lhes lê nos olhos. E não é para ficarmos surpreendidos; esses seres humanos não vivem num mundo à parte, mas no centro de uma grande cidade.

Eles sabem que, não longe deles, há pessoas que têm criados para passear os cães e que, quando saem, vão bem embrulhados em roupas quentes e confortáveis...



Eles sabem que *esses* não querem lembrar-se de que existem pessoas que andam descalças e quase despidas — não dentro de automóveis, como eles — mas expostos à chuva e fúria dos ventos...

Eles sabem que *esses* se esquecem de que, enquanto à sua mesa se servem pratos complicados e variados, há pessoas que buscam nos caixotes do lixo o que lhes há-de servir de refeição...

Eles sabem que *esses* fazem por ignorar que, enquanto dormem confortavelmente numa cama, a chuva cai nos casebres e enregela os corpos de centenas de pessoas iguais a eles...

Mas não acaba aqui a miséria dos pobres. Falta ainda a parte moral e essa é mil vezes pior que a física. Se foi difícil descrever esta, desisto de relatar a outra.

Estas foram as conclusões a que chegámos, após um ano de trabalho no *Casal Ventoso*.

Quanto a nós, limitamo-nos a levar-lhes aquele pouco de conforto material e espiritual, que está ao nosso alcance, contentes por conseguirmos — embora só por breves momentos — apagar a dor estampada em certos rostos. E quando regressamos cansadas, molhadas ou sujas, vimos satisfeitas e, durante a semana, as contrariedades que nos surgem parecem mais pequenas quando as comparamos às deles.

(Alunas do Colégio de Lisboa)

Por entre tábuas carcomidas e farrapos sárdidos, surgem, de onde a onde, adoráveis cabecitas de criança...

No «Bairro da Charneca», a vida é... na rua. A barraca húmida e desabrida só se utiliza para dormir...

(Universitárias do Lar de Lisboa)





**N**UNCA pensei que se pudesse viver com aceitação, e mesmo com um certo humor, em tão reduzidas condições materiais como se vive nestes bairros de latas.

Digo humor, ao lembrar um engraçado rapazito que encontrámos num destes dias de chuva que põem o *Casal Ventoso* cheio de lama, e pouco abrigo dentro das barracas esburacadas. Vinha com um grande guarda-chuva cor-de-rosa, todo roto e desconjuntado, desencantado no lixo. Cantava uma música em voga e dizia para a miudagem que o seguia:— «Quem compra um guarda-chuva à italiana?!»

Nos seus olhitos admiradas há surpresa e alegria. Parece que interrogam:— serão para mim aquelas coisas tão bonitas?...  
(Alunas do Colégio de Fátima)

Uma de nós queixou-se da chuva e, logo, uma das garotas que nos seguiam:

«— Olhe que a chuva não é o pior mal!» (calçava galochas, um vestido roto e um colar de pérolas, que fazia o seu orgulho...)

A barraca dos nossos pobres deixava entrar água e estava em risco de desabar...

A Zé chegou a casa. Havia visitas e chá quente. Não sei como fez o peditório. O que é certo é que no dia seguinte entrou na classe e disse:

«— Madre, temos dinheiro para conser-tar a barraca. O avô empresta a carrinha para levar o material.»

Agora, a barraca dos velinhos parece um «palácio». Só lhe falta cal e um pouco de cimento para um desfnvel.

(Aluna do Colégio de Lisboa)





**A**s nossas visitas ao Hospital de Dona Estefânia são aos Sábados e Domingos.

Tendo conhecimento da falta de enfermeiras em alguns Hospitais, resolvemos empregar algum do nosso tempo em suavizar um pouco o sofrimento desses pobres doentes. Não se imagina a alegria daquelas criancinhas, ao verem-nos chegar com algumas guloseimas!

Através da varanda envidraçada, viam-se aquelas cabecitas erguerem-se todas, como que movidas por alguma mola mágica...

Causou-nos grande impressão, sobretudo, a história de um pequenito de dois anos, chamado *Afonso de Albuquerque*. Abando-

na nostálgica expressão destes pequeninos, lê-se a saudade da mãe...

(Alunas do Colégio do Porto)

**Livros de bonecos, rebuçados e brinquedos fazem a alegria dos doentinhos**  
(Alunas do Colégio do Porto)

nado num pinhal, pela ama a quem a mãe o confiara, ali o encontrou uma Assistente Social, passados uns dias, em lamentável estado!...

Hoje, devido aos cuidados de que foi alvo, é uma criança encantadora e a «mas-cote» da Enfermaria.

(Colégio de Lisboa—Actividades do CIMM)



**N**A quadra do Natal: Uma aluna foi pedir às Oficinas de S. José — Instituição que fica próximo do Colégio — dois rapazinhos para passarem o Natal em casa dela.

Não se pode imaginar a felicidade dos dois garotinhos, que foram tratados como família, durante os oito dias que ali permaneceram!

Na véspera do Natal, um grupo de alunas foi cumprimentar e oferecer um bolo à família de um capelão militar que heróicamente se sacrificou pela Pátria, em terras de Angola.

O dia estava chuvoso e agreste e a distância era de alguns quilómetros, mas elas não desanimaram. Uma linda vela vermelha e uma pequenina bandeira de Portugal enfeitavam o bolo, mandado confeccionar por elas.

★

Uma aluna ofereceu a uma mãe pobrezinha a «toilette» completa — sem faltar a gravata e os suspensórios — para o filho, que ia fazer exame e não tinha fato.

*(Alunas do Colégio de Guimarães)*

**A** conferência de S. Vicente de Paulo e o ensino do Catecismo às crianças da paróquia, são as duas obras de carácter social em que nos empenhamos com todo o amor.

Mais do que a costumada senha, mediante a qual receberão géneros alimentícios, o Pobre espera de nós um conselho amigo, uma palavra de compreensão e de alento que o ajude a enfrentar as lutas tão árduas da vida.

*(«Vicentinas» do Lar de Viseu)*

Há doentes que nunca viram abeirar-se do seu leito de hospital um coração amigo...

*(Alunas do Colégio do Porto)*

**R**APARIGAS universitárias testemunham, com casos concretos:

Para um casal cheio de filhos, que não tinha casa, conseguimos, num bairro novo, uma casinha que arranjaram ao seu gosto (pobrezinha, mas limpa!).

A duas criancinhas recém-nascidas, a quem morreram as mães, demos todo o nosso carinho e auxílio. Uma delas, esteve bastante tempo no Lar. As universitárias davam-lhe toda a assistência e, de noite, iam revezando-se, a tomar conta dela. Era o encanto de todas e foi com saudade que a entregámos à mãe de uma das estudantes, que a levou para casa. Hoje, está muito bem.

Foi também resolvido o problema da outra pequenina, ficando muito bem entregue.

Há ainda o caso de uma outra criança, tão doentinha e miserável que já não sabíamos o que fazer-lhe. Resolveu uma das universitárias, levá-la para casa. Está hoje uma criança amorosa, cheia de saúde. É o encanto da família que a adoptou.

*(Universitárias do Lar de Coimbra)*



Fome...  
Tenho tanta

Entrei na Rua  
Cabeças olharam-me  
Corações poucos

E eu vi-os todos  
Sem ver ninguém

Entrei mais dentro  
Fundo  
Era escuro

Pensavas que eu tinha medo  
Não tive

Foi pena  
O que senti  
É fome  
— A fome  
Que os devora

M.<sup>a</sup> V. D., R. S. C. M.

○ Albergue tem sido alvo da nossa atenção. Há dias fomos passar uma bela tarde com os internados. Sob os olhares desconfiados de uns, perguntas ansiosas de outros, lágrimas e desabafos da maior parte, iniciámos a nossa actividade daquele dia.

Levámos o «pick-up» e pusemos a rodar vários discos: «A História da Carochinha», o «Marcelino, Pão e Vinho», «O Menino e o Trem» e muitos mais.



Onde elas passam, deixam um rasto de luz e de fresca mocidade  
(Alunas do Colégio de Aveiro)

As crianças deliraram com isto e não se cansavam de pedir «bis».

Enterneceu-nos, porém, a atitude dos velhinhos. Ao ouvirem a música, foram aproximando-se e, aos poucos e poucos, iam sentando-se à nossa volta. O auditório agora era variado. Eles gostavam tanto disso como as próprias crianças. Certamente recordaram os seus tempos de criança em que à roda da lareira, entre os joelhos dos pais ou dos avós, ouviam, enleados, as histórias que a avøzinha ia desfiando, enquanto remendava a roupa dos netos.

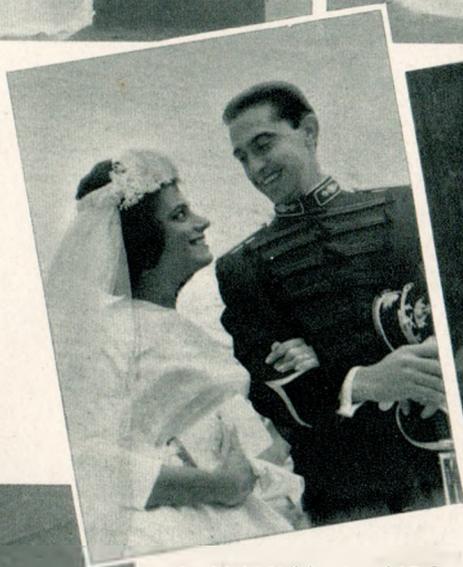
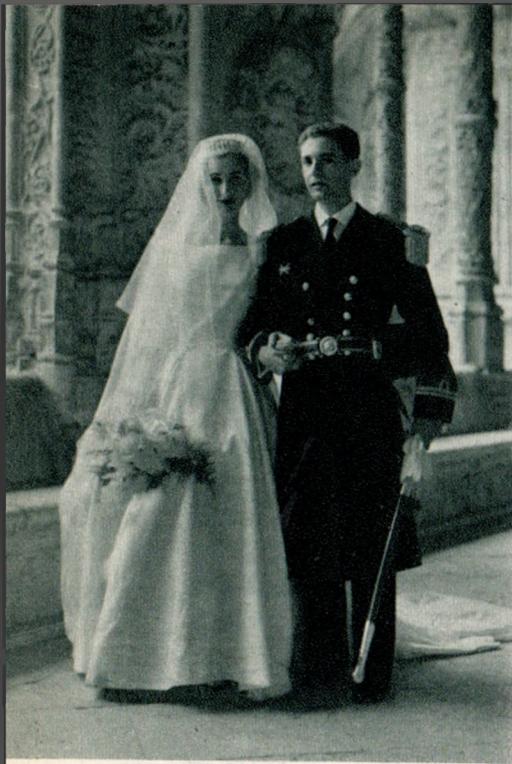
Depois, passámos à música regional. O acordeão não parou nessa tarde. Que alegria! Alguns velhinhos esqueciam a idade, as doenças e a tristeza e até sentiam o pé a puxar para a dança.

(Alunas do Colégio de Braga)



os doentinhos acompanham, entusiasmados, a jovem «artista» que os foi distrair  
(Alunas do Colégio do Porto)





“Antigas”

de

L

i

s

b

o

a



## A ALIANÇA de OIRO

São DOIS a caminhar com passo igual, a dar-se a mão, unidos pela *Aliança de Ouro*.

Laço indissolúvel:

*Eu vos uno em nome de Deus*, disse o sacerdote, testemunha qualificada da união que fundastes.

*Não separe o homem o que Deus uniu* — disse, um dia, o Filho de Deus — pois já não são dois mas um só.

O «sim» que brotou dos vossos lábios sob o impulso da vossa vontade, uniu-vos e ligou-vos para sempre. O som passa; o consentimento é imutável.

E assim, Cristo tornou a dar à comunidade matrimonial a dignidade fundamental que o Criador lhe tinha conferido no alvor paradisíaco do género humano.



*E* uma força ter dentro de si toda a  
claridade de um IDEAL corajosa-  
mente entrevisto desde a HORA DA  
PARTIDA

**R. Voillaume**



# AO RITMO DOS TEMPOS NA LARGUEZA DO ETERNO

Extracto de uma conferência da Rev. Madre Margarida Maria Gonçalves (Assistente-Geral do Instituto do S. C. de Maria), proferida no Curso de Férias para Educadoras Religiosas — Lisboa, Setembro de 1959.

Creemos que a história do mundo se há-de desenrolar segundo o plano marcado logo no início da criação.

A história do mundo e a história de cada um de nós, que somos outros mundos.

No princípio é Deus.

Do seu primeiro acto criador surge o Céu, ao qual fica ordenado tudo o que vem depois. ~

O homem, feito à imagem do próprio Deus, encontra a luz como existência primeira sobre a terra que vai habitar. É essa luz que o guia no movimento de ascensão para o Céu. E é nesse movimento que se afirma a liberdade total do seu destino.

No sétimo dia, Deus descansou de toda a obra que tinha feito.

Deus descansou: tudo será cumprido na história do mundo.

É longa essa história.

«Crescei e multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a.»

O homem vai sujeitar a terra, por ordem de Deus.

Ao longo dos milénios em que a sua acção se há-de desenrolar, haverá altos e baixos na vontade do homem; paragens e exaltações no seu entusiasmo; avanços e retrocessos nos seus movimentos.

Altos tão altos que Abraão não hesita na oferta do sacrifício; que a virgem sorri à morte, em holocausto de amor.

Baixos tão baixos, que «os corações dos homens se aplicam constantemente ao mal», que um dos escolhidos atraíça o próprio Filho de Deus.

Haverá enganadoras miragens a arrastar as inteligências para fora da luz, e haverá hibernações dos espíritos em séculos de apatia.

Mas nunca mais há-de desaparecer dos corações a nostalgia do Céu; nunca mais se há-de apagar dos olhos a luz que alumia.

Pois não é verdade que, quando tudo parecia perdido, tudo começou de novo?

— «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida.»

...Os corações haviam-se corrompido; a humanidade sentia-se desamparada.

Então uma luz mais forte brilhou na terra e nunca mais se perderam os homens de boa vontade.

É de exaltação o nosso tempo.

«O homem do século XX está inteiramente virado para o seu destino futuro; a humanidade inteira sonha com «o melhor dos mundos».

«Por muito paradoxal que isto possa parecer, é na nossa época que o homem atinge a sua dimensão total.»

Tudo será cumprido, vivemos sob o signo da esperança.

## AO RITMO DOS TEMPOS

O desenvolvimento prodigioso da Ciência e o progresso da técnica vão conduzindo a juventude para uma atmosfera em que os critérios de verdade se tornaram quase exclusivamente a base da explicação racional e da utilidade imediata. A eficácia quase se tornou o único critério de verdade. É a grande lei do marxismo.

É a lei mais ou menos absorvente das nossas existências. Como consequência imediata, o desajuste formal da rapariga de hoje por tudo o que nos nossos processos educacionais não é mensageiro dessa eficácia imediata.

E aqui deparamos já na aplicação prática, com um elemento essencial na formação da personalidade e na preparação das nossas raparigas para a vida. A técnica moderna exige qualidades que outrora poderiam ficar na sombra, como capacidade de julgar, de tomar decisões, de assumir responsabilidades. Elas sentem que têm de dar a sua contribuição para a construção de um mundo novo e precisam os educadores de não lhes darem essa preparação em círculos de estudos sérios, bibliotecas à altura das suas necessidades, num sentido de equilíbrio em meio das contradições das correntes do pensamento moderno; em actividades culturais — música, pintura, teatro, etc.; — em esclarecimento da consciência, em formação da vontade, em desenvolvimento eficaz das potencialidades da sua personalidade que lhes forneçam as bases indispensáveis para uma justa compreensão da vida e do papel que elas devem desempenhar.

A juventude sofre de não acreditar em nada, detesta a vida fácil e lança-se furiosamente a recalar o desespero que a invade ou a traduzi-la em agressiva actividade, que é a revolta e delinquência.

Não é esta a nossa juventude, mas também ela sente as suas influências perniciosas através de todos os processos que a põem em comunicação com o mundo de hoje. Tal a Cécile de «*Bonjour Tristesse*», tal a Dominique de «*Un certain sourire*» abandonada a si mesma, naquela solidão de uma juventude lúcida e descrente que não encontra aplicação condigna à sua exuberante necessidade de viver. É a juventude da solidão e do tédio. «Este desespero clandestino e inconfessado das herófnias de Sagan — nota um escritor — toca-nos na medida em que dá ao problema as suas dimensões verdadeiras.»

Porém, este grito de desespero não fica sem resposta ao lado da juventude da grande aventura da esperança e do amor.

«É por milagre que eu ainda não renunciei a todas as minhas esperanças — escreve a pequena Anne Frank — mas eu agarro-me a elas apesar de tudo e de todos, porque tenho fé no que há de bom no homem.»

Simone Weil — essa rapariga já nascida no século XX — apesar da sua licenciatura em Filosofia, trabalhava a terra com inflexível energia e contentava-se muitas vezes com o alimento de amoras colhidas nas silvas dos caminhos «para uma maior aproximação da humanidade que sofre». Dela escreve Gustave Thibon: «Eu sou católico. Simone Weil não era. Nunca a palavra *sobrenatural* me pareceu tão cheia de realidade como ao contacto com Simone Weil.»

Raissa Maritain escreveu: a *Exigência total* é a virtude própria da adolescência. Na verdade, a adolescência — diz ela — faz face ao universo, ordenando-lhe que compareça e que dê contas, se explique e se justifique porque ela acusa a vida. E faz face aos seus Mestres. Olhar claro e espírito ardente, as grandes mãos abertas, vazias ainda de todo o fruto de ciência e de sabedoria, mas limpas como o seu olhar». Assim recordava Raissa Maritain a sua entrada para a Sorbonne aos dezassete anos.

Dezassete anos apenas e já as mais profundas exigências do espírito e da alma elevam a sua voz.

E neste desfilar de imagens, poderíamos ainda citar Edith Stein, filha de Israel, que nas câmaras de gás de Auchwitz, tão heróicamente deu testemunho da «fé que ela levou até à suas últimas consequências».

Teresa de Lisieux que viveu da maneira mais extraordinária esse heroísmo verdadeiramente feminino que quer ficar ignorado, e tantas outras figuras do nosso século, de personalidade enérgica e consciente, que a rapariga de hoje toma como modelo. É a voz generosa do «vale a pena viver» a levantar-se contra a juventude da náusea sartriana.

## POR CAMINHOS NOVOS

E esta juventude de extremos — indiferente ou ansiosa, generosa ou desiludida — é a que vamos encontrar diante de nós em súplica inconsciente — ou consciente — de tudo aquilo que de nós reclamam as suas exigências e os seus direitos soberanos.

O valor dos antigos enquadramentos sofreu golpe mortal nas sociedades contemporâneas; as fórmulas de educação em superfície são relíquias de ultrapassados complementos circunstanciais de lugar e de tempo.

Se é certo, porém, que a educadora deve combater as inovações malnascidas ou mal-avisadas.

fazendo-as enveredar por caminhos mais largos e mais iluminados, ou rejeitando-as, mesmo, quando contrárias ao espírito da lei, também é verdade que a aluna tem o direito de esperar o máximo respeito para com a sua frescura de sensibilidade, para com a sua espontaneidade de imaginação, para com a sua maneira original de ver o mundo.

«A juventude contemporânea — escreve um jovem autor católico — lançou para longe as máscaras, recusa os subterfúgios. Ela considera a autenticidade como um dos maiores valores humanos. Este recusa de mentira é um dos raros presentes não envenenados que a juventude recebeu da guerra.»

A rapariga de hoje procura caminhos novos de realização, caminhos de autenticidade. E, geralmente, não se adapta ao meio colegial, ou melhor, o Colégio não se adapta às exigências novas, como já vimos. A inadaptação é um fenómeno complexo que envolve a responsabilidade do ambiente e da pessoa, mas como esta, no nosso caso, é incapaz de assumir totalmente, eis porque o Colégio se torna quase o único responsável neste processo de desagregação, que é a crise da adolescência.

A adolescente luta com as exigências da sua idade e do seu meio social. Exige não somente amparo e protecção, mas também colaboração inteligente e respeito pelo seu desabrochar, compreensão das suas necessidades fundamentais. Ela reclama uma formação moral e religiosa autêntica, porque o seu mal está na ausência de formação. Rejeita as normas sem valor e sem vida, porque é sensível ao drama vital do seu tempo e está cansada de palavras ocas e de princípios sem consistência. «O mal da juventude é — como alguém se exprime — o mal de uma sociedade que já não acredita nos valores que continua a defender.»

#### POR CAMINHOS DE AMOR

As culpas de outrem não são desculpa para nós. Antes ao contrário, na medida em que a família e a sociedade abdicam das suas responsabilidades perante os males que ameaçam a juventude, temos nós que a defender, ajudar a construir a sua personalidade, orientar a inteligência e a sensibilidade e fortificar a vontade na busca dos bens superiores. Fazê-la acreditar de novo no amor humano, elemento insubstituível de realização pessoal e caminho sagrado para o amor divino. É aqui que se

centra a complexa encruzilhada da vida. No amor está o mais forte anseio do coração humano.

Sejam quais forem as suas concepções políticas ou filosóficas, para cá ou para lá de determinada estrutura económica, nesta ou naquela corrente estética, o homem sente-se cada vez mais inquieto.

Essa inquietação é uma aspiração de amor. «Só em Deus descansará afinal o seu coração», como diz Antero.

Porém, são bem complexos e bem acidentados os caminhos múltiplos do mundo, que conduzem ao ponto de chegada. E cada geração, cada ser, por dom da própria liberdade, escolhe o seu caminho especial, na ânsia de um acerto maior. Caminhos de esperança fecunda, umas vezes; de enganadoras miragens, tantas mais. Só o amor pode, através deles e dos seus acertos ou desenganos, conduzir a Deus.

Uma vida traduzida em caridade é outra exigência das nossas alunas.

A juventude é a idade generosa e disponível. Embora simultaneamente possa ser egoísta e centrada na sua pessoa, a jovem traz em si um sentimento de infinito, uma capacidade de doação, uma disponibilidade de ideal que é preciso saber descobrir e cultivar. Se o não soubermos fazer, correremos o risco de deixar morrer esta semente preciosa antes dela produzir os frutos que Deus esperava, antes de ser lançada à terra na idade madura da sua plena realização — por outras palavras — correremos o risco de não lhe facilitarmos o acesso à «plenitude da idade de Cristo».

Privilégio da educadora — abrir os braços para abrigar e para oferecer. Desprendimento e disponibilidade para desmanchar a tenda e armá-la sempre de novo onde Deus quer.

Caridade feita paciência e esperança, mesmo quando as estrelas deixam de brilhar e as vozes se calam no deserto.

A educadora deve saber:

QUE É PRECISO CAMINHAR AO RITMO DOS TEMPOS, MAS NA LARGUEZA DO ETERNO;

QUE A LUZ QUE BRILHOU NAS TREVAS, NÃO MAIS SE APAGARÁ!

# Colégio

L  
i  
s  
b  
o  
a  
do  
Sagrado  
Coração  
de  
Maria



15 DE OUTUBRO DE 1941

ERAM 34 alunas, no dia da abertura. O pequenino grupo das «fundadoras» sentia-se perdido nos longos corredores do Colégio que, até esse dia, se chamara de VASCO DA GAMA...

1941 / 1961

Comemoração do 20.º Aniversário da Fundação do Colégio de Lisboa e da Inauguração do Pavilhão anexo no antigo edifício, com a presença de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca, de numerosa e selecta assistência e de todas as Superiores do Instituto, em Portugal.





COM o andar do tempo, a grande casa tornou-se pequena. Em 1953, inaugurava-se uma vasta Capela, em ligação com o antigo edifício. Ocupavam o piso inferior um salão de jantar, cozinha, despensas e quartos.

A crescente afluência de alunas — bênção do Senhor à «Messe» do Sagrado Coração de Maria — impôs a construção do novo pavilhão, inaugurado em 1961. Outro edifício em projecto permitirá ao velho e querido Colégio das «Antigas», receber, em ambiente modernizado e acolhedor, as novas gerações.

O vasto e confortável Auditório está apetrechado com um moderno aparelho de cinema e, cinemascope e epidioscópio. A 1.ª parte da festa foi preenchida com dois interessantes documentários coloridos.

Abriu a 2.ª parte do Programa, executando primorosamente, ao piano, a «Dança Ritual do Fogo», de Manuel Falla, a «antiga» D. Isabel Maria Almeida Carneiro.



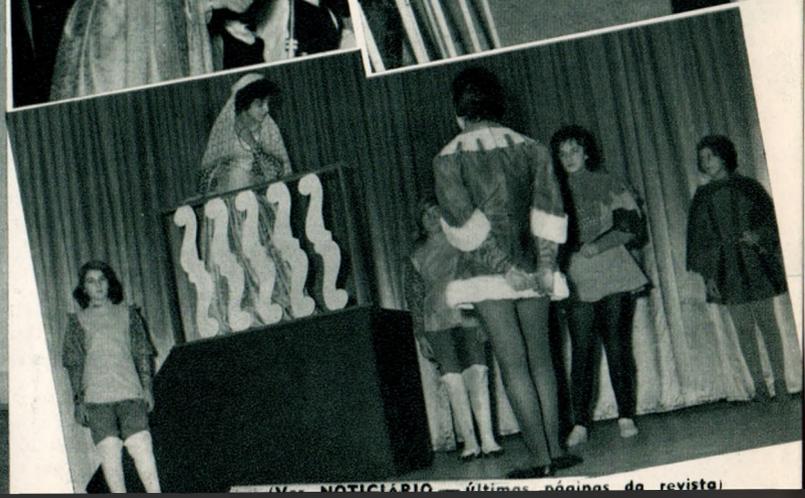
Uma das alunas fundadoras, D. Natália de Medeiros Ferreira Gago, «diseuse» muito apreciada, foi a locutora de **EVOCAÇÃO**, acompanhada por um grupo de actuais alunas.

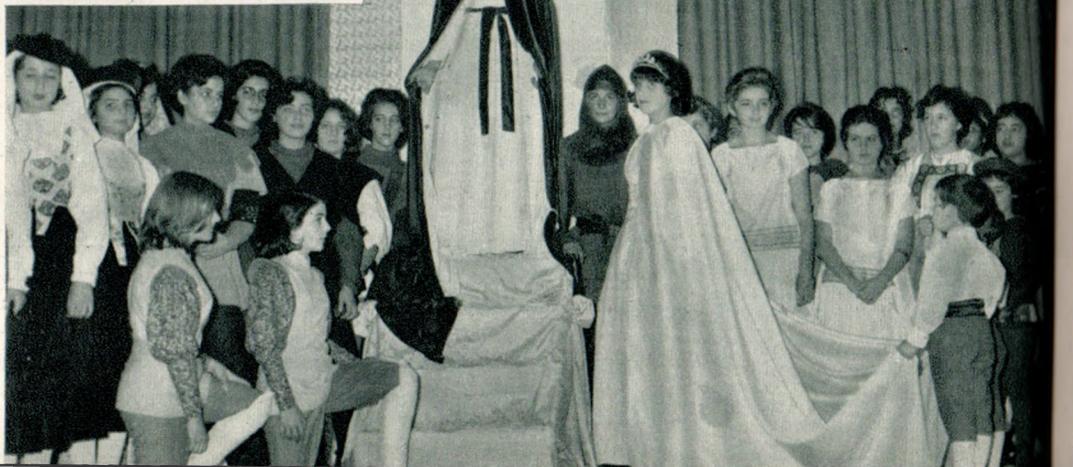
Agradável fantasia em 2 actos e 3 quadros, da autoria de D. Adriana Rodrigues, expressamente composta para a festa, preencheu a 2.ª e 3.ª parte do Programa.





Lisboa de sempre





# apelo

A planície, não!

Não quero a planície,  
por onde a gente vai despreocupado,  
a olhar, com fastio,  
de um lado para o outro,  
sem esforço nenhum...

Não!

Antes quero  
estes caminhos íngremes,  
criçados de obstáculos  
que me dizem: «Não!»  
e aos quais eu digo: «Sim!»

... abater as árvores,  
rasgar clareiras,  
ferir-me nos espinhos,  
ver o sangue a correr  
e fecundar a terra  
para quantos vierem depois de mim...

... chorar, sem testemunho,  
e abrandar as pedras, com as minhas lágrimas.  
para que outros não se firam nas suas arestas...

... e prosseguir sempre,  
com o olhar deslumbrado  
do aventureiro adolescente  
que parte para a descoberta de uma *Ilha*

[*Encantada!*]

— Não atingirei os cimos?  
— Que importa?

Quero dizer com a satisfação  
de íntima certeza:

Lutei!

Lutei!

Lutei!

Que a morte me encontre assim:  
— olhos erguidos para os cimos,  
— asas distendidas para o voo.

— Isto é que é viver!

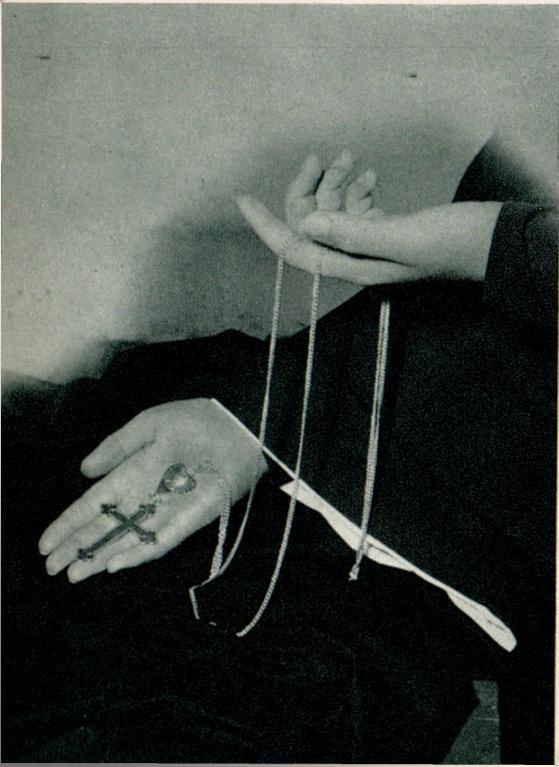
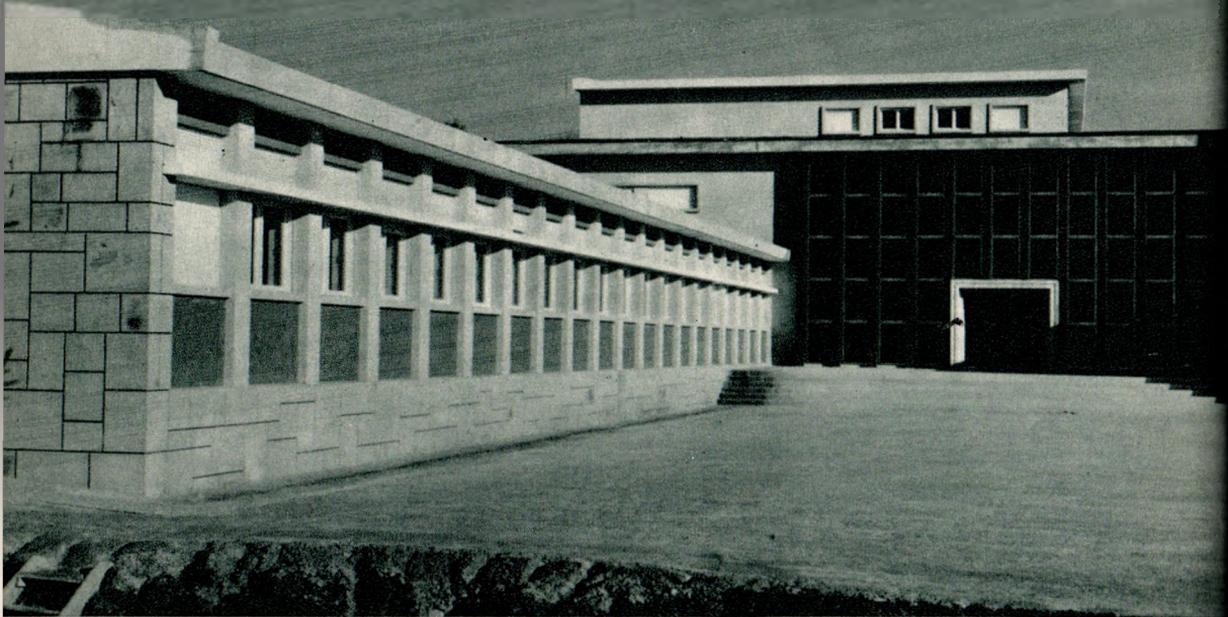
M. PAZZI,

R.S.C.M.

(Missionária no Gurúê)

PAISAGEM DO GURUÊ — «Planície e  
montanha, cântico de louvor à fe-  
cundidade da terra e à energia do  
braço português»





## BRAGA \* CASA DE

UMA CRUZ  
UM CORAÇÃO  
UMA CORRENTE

Insígnias ricas de simbolismo, que recebe a jovem religiosa na comovente cerimónia da primeira profissão.

UMA CRUZ  
UM CORAÇÃO  
UMA CORRENTE

Quanto basta para dar sentido pleno à vida de total doação que pede a vocação da religiosa educadora.

Gravadas sob as efígies de Cristo e da Virgem, duas palavras do Evangelho, para seu programa:

**EU VIM PARA QUE TENHAM VIDA!  
EIS AÍ A TUA MÃE!**



## FORMAÇÃO \* INSTITUTO do S. C. de MARIA

As crescentes exigências de uma cuidada preparação espiritual e pedagógica, em ordem a um melhor rendimento na MISSÃO DE EDUCADORA e de MISSIONÁRIA, impunham, de há anos atrás, a construção de um edifício apropriado à formação das noviças e jovens professoras do Instituto do Sagrado Coração de Maria, em Portugal.

Descoberta, providencialmente, a Quinta da Armada, no limite da Cidade de Braga, logo que foi adquirida, para lá se transferiu o Noviciado do Largo das Carvalheiras, instalando-se, provisoriamente, na casa da Quinta e num pavilhão anexo.

O novo edifício, solenemente inaugurado no dia 28 de Setembro de 1961, está situado numa encosta fronteira aos Santuários do Bom Jesus e do Sameiro. Rodeiam-no frondosa mata e terrenos de cultivo e de recreio. A situação aprazível e sossegada, o extenso e formoso panorama que se desfruta das suas janelas, facilita, a um tempo, a concentração e a paz, a alegria e a abertura de espírito, que devem ambientar uma CASA de FORMAÇÃO RELIGIOSA.

(No NOTICIÁRIO, relato das cerimónias da Inauguração).

# Ensaaios Literários

*Na vida colegial já se esboça, de ordinário, a personalidade literária ou artística da aluna. Ajudar a desenvolver estes dotes espontâneos é preocupação que — a par das exigências do programa de estudos — deve acompanhar a Educadora.*

*No «COLÉGIO DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA», DE LISBOA, apareceu, neste ano lectivo, um jornalzinho com o título DESPERTAR. Pretende ele contribuir para a realização do Ideal significado pela misteriosa sigla C. I. M. M.: Clube circulação por um Mundo melhor.*

*O artigo de fundo que, a pedido das jovens redactoras (alunas do 3.º, 4.º e 5.º anos), escreveu a Rev. Madre Superiora, comenta luminosamente esse louvável intuito.*

## Despertar

Na noite de desorientação geral e caótica em que vivemos, «Despertar» dá o sinal na hora marcada pela Providência, anunciando a aurora de um dia de graça e de esperança. Não pretende ser mais uma voz sem ressonância na vida. Mas quer, em cada palavra, um testemunho; em cada linha, uma exigência a acordar sonhos egoistas, em noites doiradas de vida inútil.

Nas suas colunas, «Despertar» quer inserir pedaços de vida emoldurados em sorriso que é dádiva, traduzidos em SIM de presença ao serviço. Quer dar em compreensão e abertura, e receber em perdão para as suas limitações, quando se esquecer de «despertar»...

Quer ser

LUZ a encaminhar passos hesitantes.

FORÇA a revigorar vontades boas mas fracas.

ESTÍMULO para as que são capazes, mas não avançam por timidez.

CENTELHA DE CARIDADE para TODAS.

Porque nada há maior do que a vida posta ao serviço de uma causa grande.

Porque é de todas nós o Mundo de hoje.

Porque queremos erguê-lo até Deus, nas nossas mãos frágeis.

Porque queremos sinceramente fazer o MUNDO MELHOR.

MARGARIDA MARIA GONÇALVES, R.S.C.M.

## Aventuras Divinas

A aventura da vida é excessivamente dura e por isso o mundo quer sonhar, sonhar sempre.

Mas porque não nos entusiasmaremos com as aventuras de todos os dias, com essas aventuras reais sem sonhos, sem fantasias; as aventuras pelas quais temos de passar, aquelas em que, inevitavelmente, a vida nos mete, sem pedir o nosso parecer, mas que nós, devido à sua dureza tentamos fugir-lhes. São essas aventuras

A AVENTURA DO TRABALHO  
A AVENTURA DA DOR  
A AVENTURA DA MORTE.

São essas as aventuras a que nós, instintivamente, fugimos... Fugimos-lhe porque são terrivelmente duras e a nossa natureza sucumbe facilmente sob o seu peso esmagador. Sentimo-nos impotentes para suportar os seus reveses. Enquanto não chega o inevitável encontro, fechamos os olhos e vamos sonhar para não encararmos a dura realidade.

Mas para quê tudo isto? Para quê, se temos Alguém ao nosso lado que nos aguarda ansiosamente com tudo o que precisamos para vencer essas aventuras?

Alguém que, melhor do que nós, conheceu a Vida, a Dor e a Morte? Esse Alguém é um homem que se encontra envolvido há anos na tragédia da humanidade, que se chama a Si próprio o Filho do Homem.

É Cristo que nunca nos abandona, mas tão facilmente esquecido por nós. A Sua presença não é visível, não é palpável, e por isso esquecêmo-Lo.

Ele vive escondido e o mundo só gosta do que brilha.

Sim! Só Ele nos poderá ajudar a vencer essas aventuras que surgem a cada momento. Ele próprio quis vivê-las pois sabia que, sôzinhos, sucumbiríamos.

Vivemos num século em que tudo se faz a correr. Não há tempo para nada. Temos que optar por uma solução: ou ficarmos vencidos e esmagados pelo trabalho e pela dor, ou santificá-los, a exemplo de Cristo.

TRABALHO, DOR, MORTE, aí tens a tua vida de homem, aí tens as aventuras de Cristo — o AMIGO DAS NOSSAS AVENTURAS.

MARIA AMALIA MAROUÇO

## Vento Selvagem

Uúúúú! Uúúúú! E o vento atravessava planícies e desertos, uivando e devastando tudo o que pela frente lhe aparecia.

As árvores abanavam fortemente e as débeis florinhas inclinavam-se, implorando compaixão.

Mas o vento de nada se apiedava. Ia galgando os bosques e as florestas não reparando nos estragos que fazia. Ia sempre em frente, lutando com fúria, e nada o detinha na sua carreira louca.

De repente, pareceu querer amainar, porém começou com mais violência, como para melhor manifestar o seu poder.

Ao longe, despontavam os primeiros alvares da madrugada e os passaritos chilreavam alegremente.

Mas ele passou e levou pelos ares toda aquela alegria e passarada.

Quando por fim estava distante, os pobres passarinhos aquietados, interrogavam-se ansiosos uns aos outros:

— Mas porque está o Sr. Vento tão zangado?..

ANA MARIA REAL

*ESCALADA é o nome de outro jornal de colegiais. Publica-se no «COLÉGIO DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA», DE BRAGA, com boa apresentação gráfica e variada colaboração. Damos aqui o artigo de fundo do 1.º número e, mais adiante, uma reportagem das actividades sociais das alunas desse Colégio.*

Disse alguém: «O homem nunca é tão grande como quando se ajoelha». E para dar início a uma obra, a posição há-de ser de joelhos e suplicante...

Começa hoje a publicação do nosso jornal. Em jeito de prece vimos depôr nas mãos da Senhora o destino e o futuro desta iniciativa humilde e simples, concretização das nossas actividades colegiais.

Sentimo-nos orgulhosas da educação que recebemos num instituto especialmente dedicado ao Sagrado Coração de Maria. E nas fontes onde haurimos a preparação do futuro, vamos bebendo, conjuntamente, o amor à Virgem Imaculada, aprendendo a nortear a nossa vida pela luz irradiante da Stella Matutina.

Temos a certeza de que, longe d'Ela, não po-

deremos construir. Arriscar-nos-famos a ver a obra demasiado à superfície. É o Senhor Quem nos avisa no Evangelho: «Não queirais construir sobre areia movediça».

Não pretendemos fazer jornalismo nem, muito menos, dar lições a ninguém. O nosso desejo é servir. E pode servir-se de várias formas levando até junto de ti, cara leitora, uns momentos de bom humor ou de distracção... quem sabe? uma ou outra frase incisiva e que te faça pensar, escrita sem pretensões mas... «o espírito sopra onde quer!»

Para isso entregamos e consagramos o nosso jornal à Senhora.

Por Ela a obra começou e n'Ela há-de continuar, levando a todas a nossa mensagem de alegria e de juventude.



PORTO

# Cô m os nossos



*Quem receber um pequenino como este,  
a MIM recebe. (Mateus, 18)*

A Igreja Católica, fiel a esta recomendação do seu divino Fundador, sempre dedicou particular desvelo à educação da criança. Já nas Epístolas de S. Paulo se encontram preciosas normas de pedagogia familiar, acomodadas às ideias do tempo. E é do grande pedagogo do Oriente Cristão, S. Gregório Nazianzeno, a sentença que, volvidos dezasseis séculos, ainda hoje nos dá a melhor definição da educação da criança:

**A ARTE DAS ARTES, CIÊNCIA DAS CIÊNCIAS.**

Na Idade-Média, fundaram-se, ao abrigo dos mosteiros de frades, as primeiras escolas de gramática, como então se designava o ensino primário. E não tardará a despertar o mesmo interesse pela instrução da criança, nos mosteiros femininos. Com a Renascença, surgiram novos tempos, a reclamar métodos novos. E foram ainda dois Fundadores de Ordens Religiosas, S. José Calazans (espanhol) e S. João Baptista La Salle (francês), os pioneiros da sistematização do ensino infantil, respectivamente nos séculos dezassete e dezoito.

Culminando em S. João Bosco, longa seria a enumeração dos pedagogos distintos que, a partir do século dezanove, se dedicaram ao ensino infantil, dentro do campo católico.

Modernamente, os métodos de Maria Montessori abriram novos caminhos ao ensino pré-escolar. E foram estes métodos, conjugados com elementos valiosos de outros sistemas (1), e criteriosamente adaptados à criança portuguesa, os que prevaleceram na orientação do programa oficial das Escolas de Educação Infantil, existentes entre nós.

Religiosas formadas no Instituto de Educação Infantil, orientam, pelo mesmo sistema, as classes de ensino pré-escolar dos Colégios do S. C. de Maria, de LISBOA, e de N. S. do Rosário, do PORTO, de que damos flagrantes aspectos, na reportagem destas páginas dedicadas aos NOSSOS PEQUENINOS.

(1) É de justiça citar os nomes de Pestalozzi, Froebel, Décroly, Dewey, Claparède, Piaget e Dalton, pedagogos aos quais muito deve o aperfeiçoamento do ensino da criança.

pequeninos

LISBOA

PORTO



Os que aprenderam as primeiras letras noutra geração (e não é preciso para isso ter cabelos brancos...) e passaram horas e horas debruçados sobre livros e cadernos onde não se via um boneco ou uma paisagem a dar asas à imaginação infantil, ficam surpreendidos quando visitam as salas alegres aonde os seus filhos — ou netos — aprendem «a brincar».

É curioso ver aquelas mãozitas ágeis a desenhar, a pintar, a modelar, a fazer construções e mil outras coisas engraçadas.

No deslumbramento das sucessivas «criações» do seu espírito espontaneamente inventivo, nem dão pelo visitante! Este, embora apreciando a valorização que representa para o seu pequenino toda esta actividade plástica, sentirá, talvez, um leve desapontamento.

— É só isto o tão falado ensino pré-escolar?



## ENSINO PRE-ESCOLAR

LISBOA



PORTO

Mas, se o convidarem a aproximar-se mais, ao mesmo tempo que verifica a total ausência de livros e de cadernos, repara numa pequenita profundamente atenta, que junta letras e as vai soletrando com a alegria de quem faz... uma extraordinária descoberta!

E aquele miudinho, tão entredito com bolinhas e cubos de cores vivas, o que faz? Com a discreta ajuda da Educadora Infantil, aprende... a contar.

O visitante, então, cai na conta de que, mesmo «a brincar», a criança vai aprendendo um pouco de tudo o que precisa de saber para entrar no ensino primário.

«Século da criança» chamam alguns sociólogos ao século vinte.

É, realmente, nota-se invulgar empenho, nos sectores da psicopedagogia, da medicina, das editoriais e da indústria, em rodear a criança de tudo o que possa contribuir para o seu desenvolvimento e bem-estar.

Todavia, se às mais eficientes técnicas, não insuflarmos o «Espírito que vivifica», é de temer um trágico fracasso...

É que esse pequenino é um **HOMEM** em potência, dotado de corpo e alma. Espera-o um **DESTINO ETERNO**, que poderá ser maravilhosamente belo e feliz, se os educadores lhe souberem guiar os primeiros passos, pelos caminhos abertos por Cristo, com as lições da Sua vida e doutrina.

## LISBOA



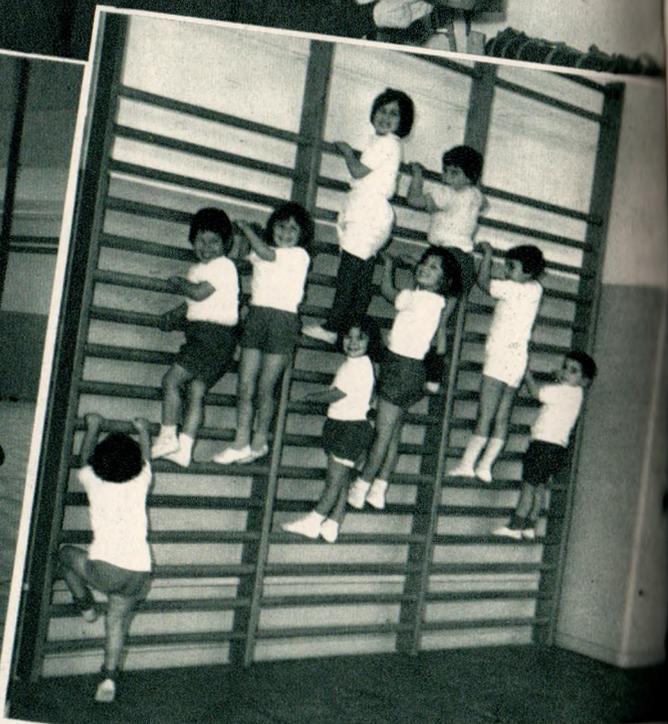
LISBOA, classes do ensino primário — Foram vivamente apreciadas as visitas ao MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA, sob a amável direcção do Ex.<sup>mo</sup> Director, com a proficiente colaboração das Ex.<sup>mas</sup> Senhoras D. Madalena Cabral e D. M. Helena Mendes Pinto



Em cima: LISBOA — Gentilmente facilitadas pelo Ex.<sup>mo</sup> Director e Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Madalena Cagigal e Silva, o ciclo de visitas de estudo das classes de ensino primário estendeu-se também ao interessante e instrutivo MUSEU DE ARTE POPULAR

Ao centro: LISBOA — Classe pré-escolar — Ginástica e... atletismo, no novo ginásio do Colégio

Em baixo: PORTO — 2.<sup>a</sup> classe — Com pequenas «obras-primas» se revelam vocações de artistas...



# VIDA COLEGIAL

## Gil Vicente no Colégio de N. S.<sup>a</sup> do Rosário do Porto

De acordo com as novas perspectivas do Teatro Escolar, também no Colégio de Nossa Senhora do Rosário se deu um passo em frente, neste género de actividade cultural.

Representou-se uma adaptação da *Barca do Purgatório*, do «Auto das Barcas» de Gil Vicente.

Pudemos constatar, com satisfação, que esta ousada tentativa teve um bom acolhimento, por parte do público estudantil.

Pretendeu-se despertar o gosto pelo Teatro sério, Teatro de Ideia e Mensagem, procurando peças que estejam integradas dentro dos programas escolares dos alunos.





Assim se nos afigura tornar menos pesada a tarefa da leitura de peças, por vezes difíceis de interpretar, se forem sómente lidas e comentadas nas aulas. sem possibilidade de

expressão plástica e rítmica, por vezes indispensável em certos passos.

M. CANDIDA  
«Antiga do Porto»

PORTO — Aspectos do Auto da Barca do Purgatório, representado por um grupo de alunas, com notável êxito, sob a direcção cénica da «Antiga» M. Cândida Clavel do Carmo C. Perestrelo

# VIDA

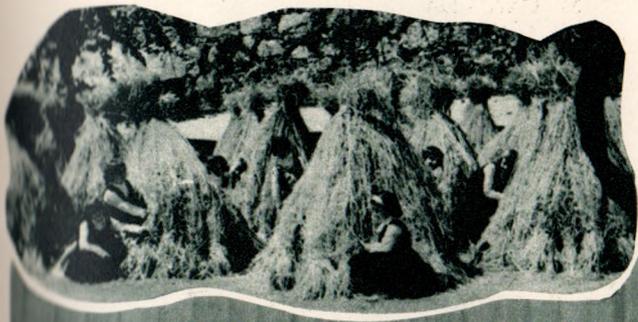
# COLEGIAL

GUIMARÃES — As alunas deste Colégio foram em excursão até às ridentés margens do rio Minho. Instantâneos tirados na Praia de Maledo e nas Termas de Monção



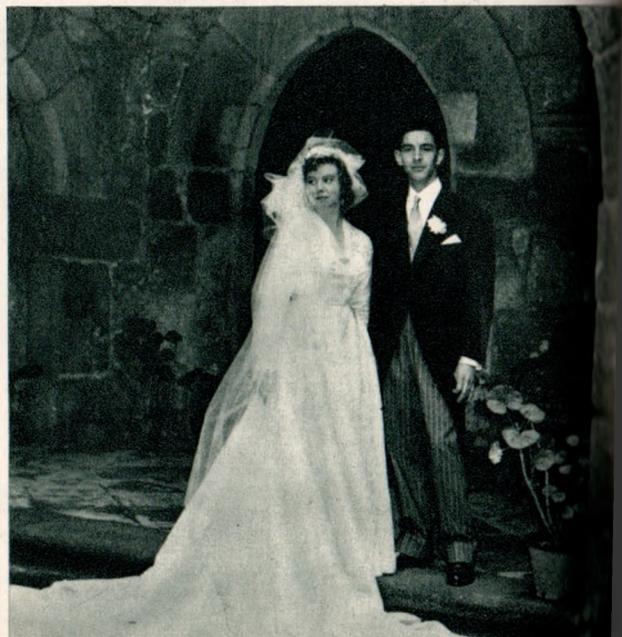


BRAGA: 1 — Sameiro, abertura do ano lectivo, depois da Missa Vespertina. 2 a 7 — Festas, recreios, desporto e passeios





“ANTIGAS”  
do  
PORTO



*Senhora!*

*Quanto eu queria poder dar  
nesta oração vivida  
o que de melhor houvesse em mim  
para Ti...*

*Vejo a simplicidade da florinha  
que piso, descuidada,  
olho a árvore  
majestosa e firme  
em verticalidade, rumo a cima,  
levantando-se a meu lado,  
repetindo-se à minha volta...*

*Pressinto o ondular do vento  
nos malmequeres,  
nas giestas,  
na água duma pocinha...  
E fico assim  
querendo dizer-te, Senhora  
tanto como elas  
na sua presença natural,  
de quem tudo aceita e dá  
em humildade e Amor.  
Se eu pudesse conversar com elas,  
talvez me deixassem entrar no seu segredo  
—aquele segredo que dava resposta  
à minha inquietação...—  
Senhora, faz-me assim também,  
pequenina e humilde  
descansando na suprema PAZ do Teu regaço...*

*E então,  
eu já serei capaz de pôr numa oração,  
o melhor de mim em Ti  
porque serei Tua.*

*Fátima, 8 Abril 60*

ERCÍLIA EMA  
Lar, Lisboa



Esc. Euclides Vaz

NA PAZ DO  
TEU REGAÇO



1



4



8



1 a 6 — «Antigas» da Guarda  
7 a 9 — «Antigas» de Guimarães

# NOVOS LARES



5



9



6



No 20.º aniversário da fundação do Colégio de Lisboa, CORMARIAE presta grata homenagem ao Amigo das primeiras horas, Pai das alunas n.º 1 e n.º 2, e Avô de três futuros alunos



A Associação CORMARIAE, das «Antigas» de Braga, sempre entusiástica nas suas habituais e beneméritas actividades, organizou também uma alegre excursão

As «Antigas» de Espinho tiveram um alegre e comvente encontro, no Colégio do Porto, com as Mestras e Companheiras do seu tempo





## Coimbra Lar Universitário

ROMA! Um sonho, um sonho por nós há muito acalentado, um sonho transformado em realidade!

Custava-nos a acreditar, mas era Roma, a **Cidade Eterna** que se estendia ante os nossos olhos maravilhados, com os seus museus, as suas igrejas, as suas basílicas, com as pedras envelhecidas e desnudadas, dos longos séculos já vividos, das suas ruínas!

Os poucos dias ali passados foram de entusiasmo, de alegria, de excitação, pois queríamos viver e sentir tudo quanto de belo, de magnânimo Roma tem para oferecer.

Roma das ruínas, cujas pedras nos falam de um passado glorioso, do Coliseu onde se escreveram páginas de sangue da nossa religião, testemunho dos dias de César, da Basílica de S. Pedro, pedra angular do Cristianismo, guardando no seu interior a série longa dos Santos Padres, desde S. Pedro até Pio XII, das Basílicas de S. Paulo, de S. João de Latrão, de Santa Maria Maior...

Roma do Vaticano, relicário de toda a Era Cristã, com a maravilha da tão famosa Capela Sixtina, com as suas galerias...

Roma das Catacumbas, da Via Apia, do Arco de Constantino, dos obeliscos egípcios, do Castelo de Santo Ângelo mirando majestosamente as águas calmas do Tibre...

Roma estendendo-se aos pés das suas sete colinas, quais soldados defendendo a «Cidade Eterna» e do cimo das quais se divisa o monumento a Victor Emanuel II, traço de união entre o passado e o presente...

Roma das Olimpíadas, palco de tantos louros e de tantas derrotas...

E Roma, cidade hospitaleira saudou-nos em português, pela boca do Santo Padre, numa manhã radiosa e alegre, como são as manhãs de PÁSCOA, quando nos perdíamos entre a multidão anónima, quando nos sepa-





ravam línguas diversas, mas nos unia a mesma chama que ardia nos nossos corações — O AMOR DE DEUS...

E muito mais Roma tinha para nós, mas a sua grandeza não cabe em quatro dias.

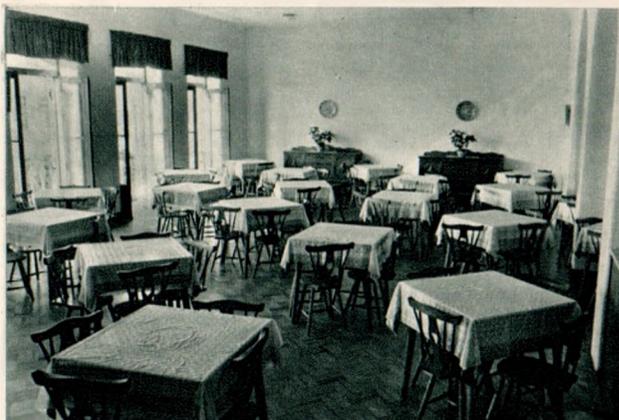
E como as contas de um rosário, fomos desfiando as cidades da «bela Itália», as buliçosas de Mônaco, Nice, Cannes, S. Rafael, Marselha, todo o Sul da França, ficando gravadas na nossa memória, Lourdes, as Grutas de Bétarram, obra-prima inegalável da Natureza.

Também de Espanha trouxemos recordações indeléveis, como Barcelona, Madrid com os seus museus, destacando o «Del Prado», Salamanca recordando a nossa Coimbra, San Sebastian, Zaragoza, e tantas mais que atrás nos foram ficando.

E assim, alegremente, cantando, felizes regressámos ao nosso Portugal, este torrão único, onde de tudo há um pouco.

Uma universitária  
(5.º Ano de Medicina)

Ver **Natíciário**





**“ANTIGAS”  
dos LARES**





❖ **Festa de Recepção** — Num im-provviso, oferecemos «às novas» um pequeno Serão, que resultou em sur-presa para todas — até para as organizadoras...

Também tivemos a nossa Missa cantada; e, à noite... houve teatro, em que algumas foram autoras e intérpretes ao mesmo tempo. Sobejou boa disposição e a «crítica» foi concludente em consagrar e a augurar um brilhante futuro às novas artistas...

❖ **Carnaval (1961)** — Como já vai sendo tradição, realizou-se o costumado Concurso de Máscaras. E, como os prémios eram tentadores, ninguém se escusou a apresentar o melhor da sua fantasia. Com uma Ceia «volante» culminou esta noite de franca alegria.



❖ **Formação** — Foi no Rodízio que se realizaram as «Exercitações para um Mundo Melhor» e em que participaram cerca de 35 raparigas.

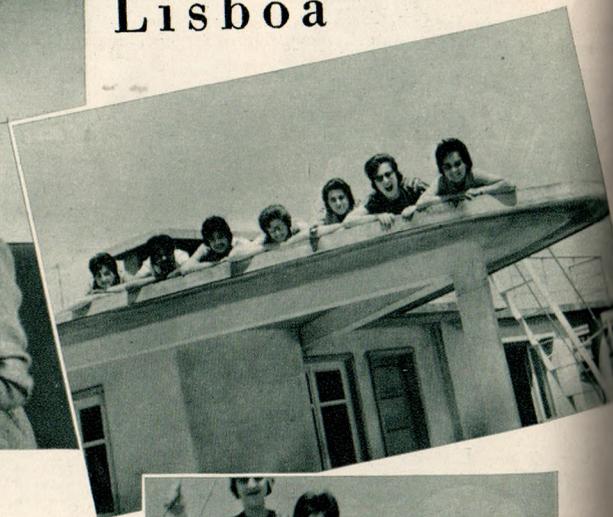
Também foi no Rodízio, o nosso Retiro. Tamaram parte 50 raparigas.

❖ **Ação Social** — Numa iniciativa plena de entusiasmo, merece refe-

rência o trabalho que se está a realizar no bairro pobre da **Char-neca**, tentando-se, assim minimizar as dificuldades materiais e morais daquela pobre gente. Além de gé-neros alimentícios e roupas, tem-se procurado solucionar alguns dos seus problemas mais insistentes.

❖ **Excursão (1961)** — Não fomos «à descoberta» de novos mundos: Fátima e Coimbra não estavam na nossa 1.ª vez, mas o que é verdade, é que este passeio de dois dias, nos encantou deveras — Fátima onde se volta com vontade de não partir; Coimbra que tem sempre um re-conto a descobrir...

## Lisboa



❖ **24 de Dezembro** — Como facto inédito no nosso Lar, puderam assistir à Missa da meia-noite, os noivos e irmãos daquelas que aqui permaneceram durante as férias do Natal. E além de poderem assistir à Santa Missa, ainda confraternizaram na Ceia, sendo-lhes oferecidas lembranças próprias desta quadra festiva.



## Residência Universitaria Feminina “Cormariae”

Toldou o Sol  
A nuvem  
Densa e suja  
Os raios  
Na esperança  
De encontrar-me  
Tentam rasgar vestes  
De ilusão

Lenta  
Deslizando  
Imensa  
A nuvem  
Passa

E o Sol  
Liberto e nu  
Ao ver-me  
Vibrou em gozo casto

Acendeu-me  
Os olhos  
Ávidos de Luz

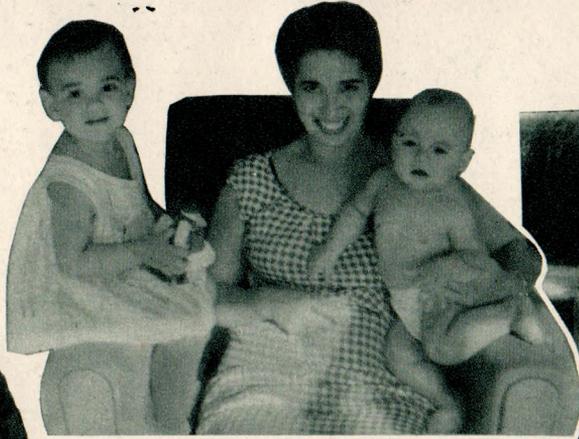
Estendeu-me  
Uns braços fortes  
Suplicantes

Cegou-me  
Na loucura  
De encontrar-me

— E eu adormeci —  
Na posse  
Rubra  
Dum Sol Posto

M.ª V. D., R.S.C.M.





Tub  
So T  
E g  
Sim



Esta neste mundo me rodeia,  
Mãe, mo poderias dar,  
o amor de Mãe que tu me deste.  
Feliz por te poder amar.

M. Augusta (13 anos) — Guarda





13



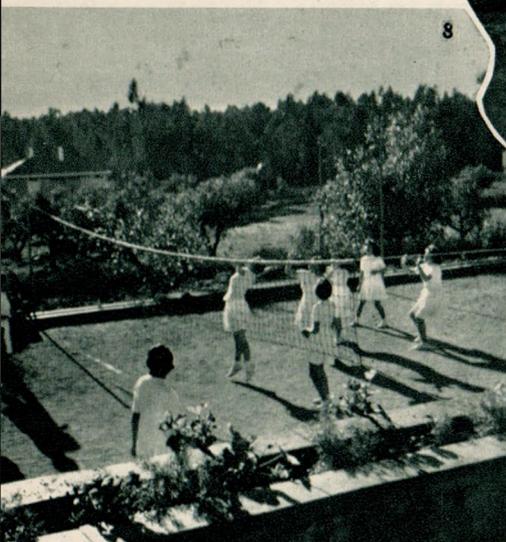
14



12



11



8

## PORTALEGRE

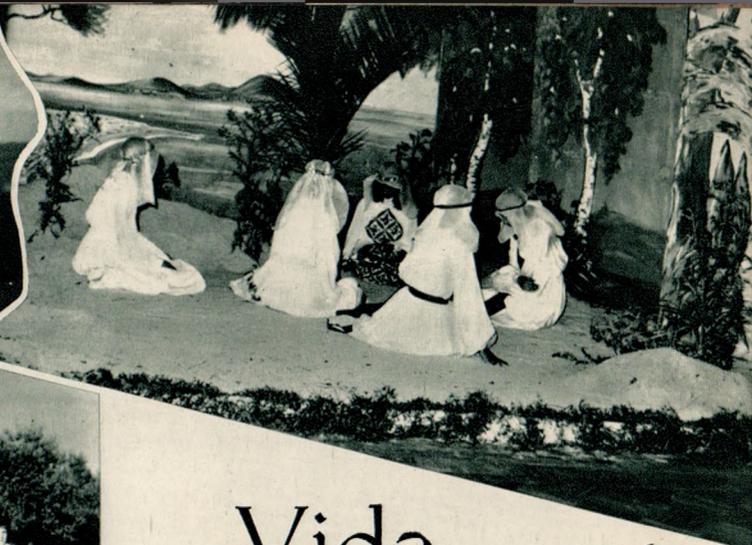
É o mais novo dos nossos Colégios. Fundado em 1955, cresceu rapidamente e o novo e grandioso edifício, embora não totalmente concluído, já está a funcionar



10



5



# Vida Colegial

6

Guarda — n.º 1 a 5

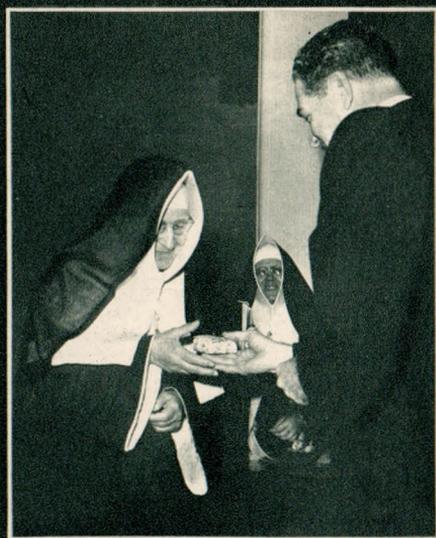
Fátima — n.º 6 a 8

Portalegre — n.º 9 a 14



Ver Noticiário





**N**O JUBILEU DE OIRO DO INSTITUTO do S. C. DE M., NO BRASIL, as RELIGIOSAS DA PROV. PORTUGUESA saudam fraternalmente as suas

*Irmãs do Brasil, gratas ao Senhor pelas bênçãos dispensadas, nestes cinquenta anos, ao florescente rebento do velho tronco português.*



Em representação da Província Portuguesa, tomou parte nas solenes comemorações do Encerramento do JUBILEU, recebendo a Comenda «Brasília gratiam refert», a Rev. Madre Maria do Calvário Neves, uma das fundadoras das Casas do Brasil



## A LUZ VEM DO ALTO

Nunca alguém avaliou a imensidão dos horizontes, nem a linha imaginária do firmamento, senão aqueles que se descobrem na vida e que se vão realizar perante ela.

Saimos agora da escola, onde, como borboletas juvenis, esvoaçávamos quase sem preocupações...

Tudo era agradável, desde o conhecimento psicológico da criança aos mais elementares problemas da imortalidade da alma. Como era bom, observar o gravitar infantil, as suas brincadeiras preferidas!

Saimos! Vamo-nos para além, longe, bastante longe... Volta-mo-nos para esta incógnita, para esta imensidão que se estende à nossa volta, olhos perguntando e querendo rasgar os véus que se prendem insistentemente nessa incógnita.

Ah, não, nós não estaremos sôzinhas. Possuímos conhecimentos especiais para praticarmos o dom que nasceu connosco. Como será bom maldar as almas dessas tantas criancinhas que estarão amanhã na nossa frente!

E já a incógnita se descobre, momento em que, de olhos postos no alto, interrogávamos a vida, afastaram-se as trevas e fomos iluminadas!

Maria Manuela, Aveiro — Lar  
(Finalista do Magistério)

GUARDA  
BRAGA  
VISEU  
AVEIRO



Ver Noticiário





# Por um mundo melhor

No grave momento que o Mundo atravessa, que lema mais aliciente do que este?

Último apelo do coração angustiado de Pio XII, o MOVIMENTO POR UM MUNDO MELHOR vem admiravelmente ao encontro de um irrepri-mível anseio da humanidade.

O nome — que encerra todo um PROGRAMA — foi dado pelo mesmo augusto Pontifice:

MOVIMENTO, isto é, um ritmo novo e incessante de VIDA e ACÇÃO; POR UM MUNDO MELHOR despertando e mentalizando os Filhos da Igreja para uma VIVÊNCIA de CARIDADE e FRATERNIDADE, nesta tríplice dimensão:

UNIÃO COM DEUS

UNIÃO COM OS HOMENS

UNIÃO COM O MUNDO.



Em 1953, o P.<sup>e</sup> Lombardi, S. J. Fundador do M. M. M., afirmou, na Cova da Iria:

«Foi em FÁTIMA que se ouviu a primeira grande chamada para a reconstrução do mundo moderno.»

Compreende-se que, sendo FÁTIMA o «San-tuário do Imaculado Coração de Maria», o MOVIMENTO POR UM MUNDO MELHOR encontrasse abertos, desde a primeira hora, os corações e as casas de um Instituto consagrado a este Sagrado Coração.



Nas gravuras, vemos vários aspectos de «Cursos de Exercitações» realizados em 1960/1961, nos Colégios de Lisboa, Porto e Aveiro.





## 2.º CURSO DE FERIAS PARA RELIGIOSAS EDUCADORAS

A Imprensa e a Emissora Nacional deram notável relevo à reportagem deste CURSO, o 2.º promovido pela «Secção da Educação» da **Federação Nacional dos Institutos Religiosos Femininos.**

Damos um extracto de um dos artigos publicados na Imprensa do Porto:

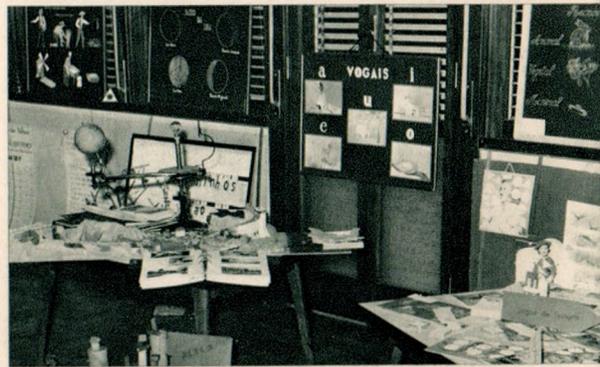
«De magnífico se pode classificar o êxito desta iniciativa, realizada no Colégio de N. S.ª do Rosário, do PORTO. As duas semanas que durou o CURSO — 16 a 29 de Setembro — foram de intensa actividade intelectual para as Religiosas que, no nosso país, têm a seu cargo a educação de muitos milhares de crianças, nos sectores infantil e primário.

Diante do espírito das 330 Religiosas do ensino pré-escolar e primário, pertencentes a 32 CONGREGAÇÕES e vindas de diversos pontos do país, passaram os mais interessantes problemas, desde as técnicas pedagógicas e o uso do material didáctico moderno, até à iniciação na mais evoluída psico-pedagogia.»

Completaram as aulas, várias visitas de Estudo.

C. MAIA

(Ver Noticiário)





FÁTIMA



LISBOA



LISBOA



Alves Pinto  
LISBOA



# Três dias com os anjos

## Algures na Itália

— Truz, truz, truz.  
 — Quem é?  
 — Dois anjos de Deus, que pedem um favorinho.

— Falai, bons amigos. Estou às vossas ordens.  
 — Sabe? A Missão de MORUMBALA vai ter uma grande e linda igreja e, junto do altar-mor, nós ficávamos muito bem, de candelabro na mão. Como é tão amiga das Missões, mande-nos para lá, sim?

E a boa italiana que, sem atravessar os mares, nem cruzar os ares, é uma verdadeira missionária, sorri a este pedido.

— Está bem, meus amiguinhos, vou já tratar da vossa viagem. Mas olhai que é longa e incómoda, e vós não estais habituados a andar cá pela terra. Certamente ides enjoar e chegais doentes a África...

— Não faz mal! Os anjos de lá cuidarão de nós.

.....

## Algures em Moçambique

Passa um mês, e eis que aparecem dois grandes caixotes endereçados à MISSÃO DE S. JOÃO BAPTISTA. Monsenhor Pinho, Vigário-Geral da Diocese da Beira — prontifica-se, dedicadamente, a tratar da última etapa da viagem: caminho de ferro, travessia do rio, camião.

Mas — coisa inacreditável! — os homens (que não percebem nada de anjos, nem de missões, nem de missionários), exigem os impressos de importação.

— Ó senhores, mas vocês não sabem que não podemos apresentar tais papéis? Que não se trata de importação nenhuma, mas de receber dois mensageiros do céu, enviados por uma santa alma?!

— Mas não adianta. Quem não quer perceber, não percebe mesmo. E os bons dos anjos lá ficaram como passageiros clandestinos, apanhados pela polícia!...

.....

## Algures numa Missão

Chegaram os caixotes!!  
 Levou muito tempo, mas a confiança em Deus tudo resolve.

Os dois anjos — azul e cor-de-rosa! — são festivamente recebidos pelos anjos da Missão — anjitos pretos de camisa e calções esburacados. E não menos festivamente pelos seus missionários, os dignos Filhos de S. Francisco, e pelas brancas mensageiras do Sagrado Coração de Maria.

Em poucos minutos, sucedem-se a alegria e a tristeza, no semblante de todos. O anjinho azul chegou muito doente e o cor-de-rosa apresenta graves ferimentos!

São-lhes prestados os primeiros socorros, enquanto se aguarda a vinda da «brigada especializada», que se requisitou para QUELIMANE.

.....

## Férias Grandes/61

Examinámos os ferimentos dos anjinhos:

Feridas profundas, fracturas expostas, arranhões leves...

Observações cuidadosas dos seus tecidos, indicaram-nos a *terapêutica* a seguir: fios de serapilheira, impregnados de gesso, tapariam os buracos; gesso amassado com clara de ovo, modelaria as pregas do manto, parcialmente destruídas. Por fim, uma delicada operação plástica, à superfície. Estranhas misturas de tintas, na certeza de que o tom exacto havia de surgir, concluiu o *milagre*.

A anjo cor-de-rosa está curado, lindo como novo!

O azul, dada a multiplicidade das feridas, precisa de um manto novo. E lá vem o Senhor Padre Superior com toda a espécie de tintas que existem na Missão: restos das pinturas feitas, desde o tecto da Igreja, à cabina do camião. Misturas, experiências, e um novo *milagre* surge:

O anjo azul, de manto novo a estrear, acha-se completamente restabelecido!

Ao fim de três dias, quase totalmente passados na *sala de operações*, tiveram alta os queridos anjinhos.

E, agora, o seu desejo vai realizar-se: junto ao altar-mor, de candelabro na mão, que bem vão parecer, aos olhos dos anjitos pretos, seus irmãos, os anjos azul e cor-de-rosa!

MARIA DAS MERCES  
 R. S. C. M.

Nota: Foram «operadoras», as Madres M.<sup>a</sup> das Mercês e M.<sup>a</sup> Berchmans; «enfermeira-assistente», a Madre M.<sup>a</sup> Verónica.



## BODAS DE PRATA

Deu-se a feliz coincidência de, no dia da Inauguração da Casa do Noviciado, celebrarem as Bodas de Prata de Profissão, as nossas queridas Rev.<sup>tas</sup> Madre Assistente-Geral, Madre Maria do Nascimento e Madre Maria Gabriel, o que mais contribuiu para tornar este dia memorável para toda a «Provincia».

Toda a «Provincia» se associou, vibrando de filial carinho num testemunho sincero de gratidão a quem tem passado a vida a servir o Instituto numa doação total de si própria.

## INAUGURAÇÃO

○ dia 28 de Setembro de 1961 foi assinalado por um facto de grande projecção, não só dentro do Instituto, mas também no campo educacional:

A Inauguração de uma casa de Formação, onde se forjam almas na caridade e no verdadeiro espírito de Filha da Igreja.

Esperava-se Sua Ex.<sup>ta</sup> Rev.<sup>ta</sup> o Senhor Arcebispo Primaz que, tendo benzido a primeira pedra, se dignou honrar-nos com a sua presença na inauguração. Fazia-se acompanhar, de Sua Ex.<sup>ta</sup> Rev.<sup>ta</sup> o Senhor Bispo Auxiliar, do Rev.<sup>to</sup> Cônego Apolinário Rodrigues Rios, Rev.<sup>to</sup> Padre Amândio Rodrigues Rios e de outros membros do Clero Bracarense.

dente da Câmara, Comendador Santos Entre os convidados, encontravam-se Cunha, Dr. Teotónio, Director do Hospital e vários representantes de Ordens Religiosas.

Uma novilha

## COIMBRA — LAR

**FESTA DAS CALOIRAS** — Alegria, agitação, expectativa...

Apesar de caloiras, também elas têm a sua festa colorida e cheia de movimento, que alegria o coração de todas nós.

**ANIVERSÁRIOS** — Quem não gosta de festejar os seus anos?

E apesar de longe das famílias, laços estreitos nos unem umas às outras, no calor do nosso Lar.

**FORMATURA** — Dia festivo em que os nossos corações anseiam por dar os primeiros passos na estrada da vida.

Sentimo-nos como aves libertas duma gaiola de grades doiradas.

**FÉRIAS DO NATAL** — Com os bolos e rabanadas, os presentes do Menino Jesus. Há alegria em todos os rostos e enquanto as velas se consomem, sobem a Deus nossas preces.

**CASAMENTOS** — Acto mais sério da nossa vida, cheio de responsabilidades, mas conscientemente realizado.

Uma caloira

## Nova vida

*Eu queria dar ao mundo nova vida,  
Queria que o sol nos desse mais calor,  
Acreditar ainda no amor,  
Viver numa ilusão não desmentida.*

*Que essa luz de ilusão, já tão perdida  
No meio do desespero desolador,  
Renascesse de novo, com vigor,  
Na humanidade dela tão esquecida.*

*Num sorriso inocente de criança,  
Eu qu'ria ver deixar transparecer  
Essa pureza, que minha alma acata.*

*E descansada enfim, feita a mudança  
À sombra de uma árvore adormecer,  
Livre desta tristeza que me mata.*

M.<sup>a</sup> CONCEIÇÃO M. PÓVOAS

Portalegre (13 anos)

## A Família

É a Família o tronco de árvore que as folhas sustenta, fixando-se com elas ao sólido e árido solo, onde nasceu e onde persiste, para alcançar o conforto e o seu fim.

Assim como a árvore, a Família vai-se desmembrando, folha a folha, filho a filho...

Mas uma acaba...

Os laços familiares não quebram com o rodar dos meses... dos anos... dos séculos...

Há sempre um veio de água que nos sacia, há sempre uma gota de amor que nos acalenta dentro dessa união, desse ninho, cujos membros somos nós...

M. Augusta (13 anos) — Guarda



## PASSEIO A PENHA

— Meninas, hoje vamos passar o tarde à Penha.

— Que bom, que bom!

— Já a nossa alegria começou ainda em casa. Os projectos choviam: — «Levamos lanche, vamos tirar fotografias e temos de subir à Cruz.»

Mal o almoço acabou, arranjámos tudo, e lá abalámos felizes e bem apetrechadas.

O dia estava maravilhoso; o sol, que há dias não aparecia, veio então colaborar connosco e brilhou mais forte. A Primavera antecipou-se, e por toda a parte a paisagem era encantadora.

Cansadas, mas ainda com força para muito mais, chegámos à Capelinha da Senhora da Penha. Pequena paragem para descansarmos e tirarmos algumas fotografias.

A Cruz, que fica uns bons metros mais acima, sorria-nos atraente e... aceitámos o convite que ela nos fazia. De pedra em pedra, de rocha em rocha, chegámos lá.

Que paz e calma naquele alto! Sentimos bem que o cimo nos atrala...

Quem nos dera lá ficar eternamente...

Mas o sol que descia, mostrava-nos que era preciso descer também.

Descemos com o desejo de permanecermos nos cimos, nas alturas, mais perto de Deus.

M.<sup>l</sup> Josefina S. Sousa  
Portalegre — 5.<sup>o</sup> Ano

## GUARDA

Mensalmente, oito grupos de «Congregadas de Maria» distribuem géneros a 18 famílias pobres da cidade e arredores, em serviço da Paróquia.

Alguns dos seus testemunhos: — Quando pela primeira vez me dirigi às casas dos pobrezinhos, senti dentro de mim alguma coisa de maior.

— Ao receberem as coisas que lhes levamos, ficam tão radiantes que, algumas vezes, as lágrimas lhes rolam pelas faces.

— Desde o primeiro dia que fui fazer essas distribuições, sinto-me com mais vontade de voltar e de lhes fazer todo o bem possível, tanto espiritual como material.

## PASSEIO A SALAMANCA

Aos ouvidos das colegiais soou como um pregão a notícia de um passeio a Salamanca.

Seria no 3.<sup>o</sup> período, na época em que as searas de um dourado sem igual erguem para o alto espigas pesadas, e papoilas escarlates bailam ao vento. Nesse belo tempo em que no ar se mistura um cheiro perfumado a rosmaninha e o canto alegre dos pardais cortando os ares chilreando.

A toda esta alegria da Natureza juntou-se a que cada colegial sentia com a perspectiva feliz de um passeio a Espanha.

No meio de ansiedade e incerteza se de casa dariam ou não licença para irmos, e se o comportamento a isso inclinava, chega a noite tão ansiosamente esperada.

— Talvez nunca tivesse custado tanto a estar na cama e a noite nunca tivesse parecido tão longa.

Manhã! Mal se via, a não ser à luz de alguma estrela galata, que espreitava ainda, já os dormitórios se encontravam em agitação que não era habitual.

A viagem decorreu num ambiente de alegria cheio de canções que o vento levava, pois o dia não era dos melhores que a estação nos oferece.

Perto de uma hora eis-nos finalmente chegadas ao nosso destino.

Tudo aquilo era novo para nós. A própria língua nos embaraçou um pouco, mas a quantidade de jovens da nossa idade deu-nos a confirmação de que Salamanca era um grande centro de instrução. De facto, não nos enganámos. A nossa vista deu com um grande edifício a que dava ingresso uma escadaria monumental encimada de fortes colunas renhilhadas. Era uma importante e histórica Universidade, celebrizada pelos séculos. Ao largo, um jardim onde se podia gozar a presença duma tarde de Verão.

Tudo nos era desconhecido e por isso mais beleza nos oferecia. Sem saber como, chegámos ao fim do nosso passeio depois da visita à Catedral, obra de arte de um grande génio, onde se respirava uma atmosfera de santo recolhimento.

De volta admirámos maravilhosos pôr-de-sol, irradiando um clarão sanguíneo, derradeira despedida de uma terra irmã.

Uma excursionista

## VIUSE

Este Patronato tem uma acção Social de feição essencialmente prática e simples. As suas alunas frequentam várias escolas da cidade e arredores. Nas horas em que estão livres, vão para o Patronato, aonde aprendem, além da moral Cristã, costura, corte, malhas, e trabalhos domésticos.

Uma das mais antigas, há oito anos que ensina a costura às suas companheiras. Também aprendem a manejar a máquina de tricotar.

Nas férias do Natal, e nas do Verão, levam para casa peças de roupa confeccionadas por elas. Costumam também trazer, para conservar, os seus próprios vestidos. Mesmo as mais pequenas são iniciadas a coser à máquina e ensina-se-lhes a tirar as medidas e a cortar em papel, para que elas mesmas possam talhar a sua roupa.

De tarde, é-lhes fornecida uma pequena refeição.

## GUIMARÃES

São perto de duzentas as crianças que diariamente frequentam o Patronato e às quais se ensina a catequese, bem como trabalhos de malha e costura.

No Natal e na Páscoa foram contempladas com roupas e outros mimos.

De tarde têm uma pequena merenda de pão e leite.

O grande aconchego do ano foi a peregrinação ao Sameiro, terminada com um magusto, que muito as alegrou.

## BRAGA — COLÉGIO CURSOS

No Colégio e no Lar, um curso sobre a Doutrina Social, tendo por base o comentário das Encíclicas *Re et in Novarum*, *Quadragesimo Anno* e *Mater et Magistra*.

Oito alunas frequentam o Curso Diocesano de Catequese.

Conferência de S. Vicente de Paulo.

Através da Conferência, as alunas prestam assistência:

— A 12 famílias pobres; ao Abrigo Maternal; à cadeia das mulheres; ao Hospital; ao Albergue Distrital.

## PATRONATO

Secção de Instrução Primária.

Secção de Costura para as que já fizeram a Instrução Primária



Ainda não tinham quatro anos e já desejavas vivamente a S. Comunhão. Jesus, conhecendo os anseios do teu coraçãozinho, a ele desceu, pela primeira vez, no dia 8 de Setembro de 1961.

**A MÃE («Antiga da Guarda»)**

**GUARDA — LAR  
FINALISTAS DO 7.º ANO**

- \* Maria Luísa Carvalho Paiva Duarte.
- \* Maria Alice Teles André.

**FINALISTAS  
DA ESCOLA MAGISTÉRIO**

- \* Maria Alcina Rodrigues Almeida.
- \* Maria Irene Pires Sanches.
- \* Maria Margarida Carvalho Salvado.
- \* Maria Augusta Pires.
- \* Maria Teresa Matos Amalal.
- \* Olga Carreira Páscoa.
- \* Maria Leopoldina Andrade Pimentel.
- \* Maria Alice Amaral Garcia.
- \* Maria Tomé André.
- \* Maria Ofélia Pires Sanches.

**CATEQUESE**

Diariamente, há um grupo de catequistas que vão ensinar a doutrina nos Salões da Catequese da freguesia de S. Vitor, e às crianças e adultos do Albergue Distrital.

**A VIDA NO LAR (GUARDA)**

Finalista!... Eis a condição em que me encontro. Vou desde já entendendo o meio talvez hostil que irei encontrar numa cidade completamente desconhecida!... Ai, recordarei com saudades o tempo feliz que passei no Lar. Tantas aventuras, tantas peripécias (coincidindo muitas vezes de êxito) em que eu era sempre a protagonista!...

Os recreios divertidos, bruscamente terminados pelo toque cuase horrivelmente de um sino já velho. Era este toque, para nós, sinistro, que nos fazia voltar a uma realidade esquecida durante uns escasos minutos.

E agora, estudantilmente falando: — Quantas lições em branco!... Sim, como poderíamos estudar naqueles dias em que a neve quase nos isolava do resto da cidade...

Mas há ainda outros motivos bem mais fortes e de desnecessária explicação. E digo desnecessária, porque seria até desprestígio pôr em evidência as nossas faculdades «negligenciais».

A vida no Lar!... Só quem como nós a viveu intensamente poderá avaliar como é divertida, bela e... nos prepara para o «Grande Amanhã».

M. A. — 7.º Ano

**VISEU — O NOSSO LAR**

Tinham acabado as férias. Era chegada a hora em que havíamos de regressar à nossa vida de trabalho.

Cheguei depois de quase todas as colegas. Não conhecia nenhuma, mas, num abrir e fechar de olhos, conversava já, à vontade, com três ou quatro. Todo o temor de que fui vítima se desvaneceu ao encontrar o sorriso amigo duma Madre, que me fazia lembrar o bom humor duma mãe; a bondade dumas irmãs, que me fazia recordar o carinho duns manitos. Sim, realmente senti-me bem.

Depois, no decorrer do período, foi um desenrolar de acontecimentos que me davam a sensação de habitar a minha própria casa. Aqui, todas comungamos as tristezas e as alegrias que invadem cada uma — somos todas amigas.

A. V.

**LISBOA — Colégio**

\* **Reuniões de Pais** — Foram muito concorridas as reuniões de Pais, que se realizaram ao longo do ano lectivo. Era seu fim estabelecer uma maior colaboração entre a vida familiar e o colégio de modo a facilitar, de lado a lado, a resolução dos problemas educativos.

\* **Visitas de estudo** — Nascidas da necessidade de uma maior cultura artística e histórica, adaptadas às aulas do curso infantil e primário, tem-se realizado, por turnos, visitas de estudo a diversos museus e monumentos.

\* **Reunião de antigas** — A fim de tornar mais vivos os laços que unem as presentes às que já partiram, houve reuniões de «Antigas», nos dias 4 e 20 de Maio.

\* **Exposições** — Uma das novidades deste ano foi a exposição de trabalhos da 1.ª classe e classe infantil.

Todas as actividades manuais feitas pelas crianças, ao longo do ano — pintura, desenho, trabalhos em rafia e lã, modelagem, e os cadernos escolares, foram apreciados, não só pelos pais das alunas, mas ainda por todas as pessoas que quiseram tomar contacto com a espontaneidade simples e infantil, sobretudo através dos seus desenhos livres, pinturas e modelagens em barro e plastilina.

A exposição era explicada por um grupo de crianças previamente preparadas.

Havia coisas interessantes e verdadeiras obras de arte de pequenos gênios em potência, que nos fazem adivinhar um futuro brilhante no campo artístico.

Também as artes femininas exerceram papel especial na vida escolar. Pintura e bordados, de mãos dadas, organizaram no dia 12 de Junho, a sua exposição.

\* **Exposição Mariana** — A ideia de organizar uma exposição surgiu do desejo da Congregação de Maria viver mais intensamente a sua consagração.

Ajuntou-se também o querer elevar a cultura religiosa e a necessidade de ajudar os outros a terem um conhecimento mais profundo do culto de Maria.

Havia uma secção de bibliografia, uma de pintura, outra de estatuetas modernas e antigas.

\* **Passeios** — O 3.º ciclo visitou a Espanha, em passeio pela Andaluzia, visitando Sevilha, Granada, Córdova, Málaga e Gibraltar. O 2.º ciclo deu a volta ao Minho.

\* **Cinema** — Continuam a despertar interesse as sessões do «Círculo de Cinema». No novo auditório «Comariae» começaram a funcionar sessões idênticas, com filmes escolhidos e adaptados às idades das alunas, seguidas de interessante debate.

**FINALISTAS COIMBRA (LAR)**

- \* Maria Amélia Morais Sormento.
- \* Noémia Afonso Borregano.
- \* Laura Isabel Guerra Vilela.
- \* Aldegundes Gabriela Brito Lima.
- \* Ana Paula Martins Romalheira.
- \* Olga Cordeiro da Silva.

**AVEIRO (LAR)**

- \* Maria José Moreira
- \* Maria Olinda F. Marques
- \* Maria de Fátima Costa
- \* Maria de Lourdes C. dos Santos

# NOTICIÁRIO



## LISBOA (LAR) FINALISTAS

- \* Maria da Conceição Ramos Godinho.
- \* Maria Luísa Antelo Teixeira Pinto.
- \* Maria Amália de Andrade Picarra Canotilho.
- \* Maria Matilde Rosa Rodrigues.
- \* Orlanda Marina Correia.
- \* Maria Helena Reis.

\* **Conferências** — O Rev. P. Manuel Vieira Pinto fez, na nossa Sala de Convívio, uma conferência subordinada ao tema: «Para um Mundo Melhor».

\* **Outras notícias** — Tem-se vindo a ampliar o âmbito dos assuntos, nas nossas Reuniões de Filhas de Maria. Este ano tratámos já, em conformidade com um plano de trabalho, da «Encíclica Mater et Magistra».

## LISBOA (LAR) CASAMENTOS

- \* Maria Helena Cavaco Pina, com Luís Manuel de Oliveira Santos, a 5-4-61.
- \* Maria da Luz da Cunha Rebelo Calado, com António da Silva Pinto, a 26-5-61.
- \* Maria Manuela Alves Igreja, com João Alberto de Melo Miranda, a 28-5-61.
- \* Maria Luísa Brás Fróis, com João Robalo Pomba, a 10-6-61.
- \* Maria Amélia Seixas de Andrade Freire, com Alexandre Soares Lopes Guerra, a 27-7-61.
- \* Maria Amélia da Cruz Palma, com António Gomes Monteiro Varela, a 2-9-61.
- \* Maria Joaquina Homem Simões, com Carlos Augusto de Frias Trindade, a 2-9-61.
- \* Maria Teresa Pavão de Sousa, com Carlos Manuel Furtado Bernardino Pacheco, a 2-9-61.
- \* Maria da Conceição Ramos Godinho, com Alexandrino Dias da Silva, a 27-9-61.
- \* Orlanda Marina Correia, com José Henrique de Sousa Rios, a 26-10-61.
- \* Maria Dulce Rodrigues Paiva, com José Sarreira Lopes, a 5-2-61.
- \* Maria Gabriela Bernabeu, com Cândido José Bernardino Dugarin, a 17-12-60.
- \* Maria Otília de Sousa Ferreira, com João Afonso Neto Gomes, a 27-12-61.
- \* Maria Clotilde de Aguiar Rodrigues, com Pedro Luís de Oliveira Cymbrou, a 21-12-61.
- \* Teresinha Celina Ferreira Dória Jeremias, com Luís Ribeiro Flores.

## NASCIMENTOS

- \* Lia Ramos Costa, 1.ª filha de Orlanda Maria Ramos, a 1-6-61.
- \* Fernando Carlos Bernabeu Dugarin, 1.º filho de Maria Gabriela Bernabeu, a 14-2-61.

## LISBOA (COLÉGIO) CASAMENTOS

- \* Maria José Moutinho de Campos Ferreira, com José Albuquerque Manso Preto Rodrigues, a 15-10-60.
- \* Maria Teresa Ventura da Silveira, com António Luís da Silveira Santos Rodrigues, a 15-10-60.
- \* Maria Helena Costa Gaspar, com Manuel Pinto da Fonseca Meneres Martins Manso, a 8-12-60.
- \* Maria Adelaide Neto dos Santos, com António Forte Salvado, a 14-1-61.
- \* Maria Antónia Morgado, com Armindo Cortês Baptista, a 27-2-61.
- \* Maria del Pilar Sattomayor Santos, com António Manuel de Castro Fernandes, a 4-3-61.
- \* Maria Jorge Juncal, com José Oliveira Martins, a 5-4-61.
- \* Maria Zulmira Lança Penaforte, com Luís Jorge da Costa Gomes Lopes, a 8-4-61.
- \* Aida Tavares e Pinho, com Arnaldo Louro de Almeida, a 8-4-61.
- \* Sara da Costa Cunha Ritto, com Marcelino Corrêa, a 1-9-61.
- \* Eugénia Maria de Mendaça Alves de Moura, com José Rodrigues de Almeida, a 14-9-61.
- \* Maria Augusta Silva Durães, com António Manuel Martins Pereira da Conceição Rocha, a 17-6-61.
- \* Maria Virgínia Pitta Bastos, com Armando Flórida Nogueira Seco, a 22-7-61.
- \* Ilse Rodrigues Pestana, com Ruy Lopes Ferreira, a 2-9-61.
- \* Maria Manuela Machado de Pe-dro Almeida Costa a 2-12-61.
- \* drosa Rodrigues, com José Manuel Laura Francisca Laurencço do Amaral, com José Rodrigues de Almeida, a 14-9-61.
- \* Maria de Jesus Costa Gaspar, com António Ruben da Silva Domingos, a 8-12-61.
- \* Maria José Lopes Ferreira, com Rui de Jesus Mendes, a 22-2-61.

## LISBOA (COLÉGIO) NASCIMENTOS

- \* Maria Leonor, filha de Maria José Gomes, a 21-7-61.
- \* Luís Manuel, 3.º filho de Maria Elisa Ferreira da Silva Oliveira Carriño, a 11-2-62.
- \* Cristina Maria, 1.ª filha de Maria Teresa Pascoal Dias Costa Malheiro, a 7-5-60.
- \* Gabriel Nuno, 1.º filho de Maria Isabel Ludovice, a 9-10-60.
- \* João Paulo, filho de Maria da Conceição Mantero Raimundo Macedo Morais, a 23-1-61.
- \* João Sales Henriques Belchior, 3.º filho de Isabel Adelaide Sales Henriques Belchior, a 6-2-61.
- \* Maria Filipa, 1.ª filha de Maria Miguel Costa Nascimento Neves Santos, a 31-3-61.
- \* Isabel Maria, 3.ª filha de Maria da Carmo Cruz Alves, a 19-6-61.
- \* Luís José, 1.º filho de Maria José Moutinho de Campos Ferreira Manso-Preto Rodrigues, a 21-6-61.
- \* Nuno José, 2.º filho de Maria Manuela Simões Baião Horta de Sá \* Ana Luísa, 1.ª filha de Maria Jovita Peral Agostinho, a 19-7-61. Gomes, a 18-7-61.
- \* António Luís, 1.º filho de Maria do Céu Esteves Viegas Calçada, a 10-10-61.
- \* António Luís, 1.º filho de Maria Teresa Ventura da Silveira Santos Rodrigues, a 9-10-61.
- \* Nuno Maria, 1.º filho de Maria José Bravo Ravasco dos Anjos Rôjão Ferreira, a 1-11-61.
- \* Ana Teresa, 1.ª filha de Ana Angélica Pereira da Cruz Tovar, a 15-11-61.
- \* Ana Paula, 1.ª filha de Lucília Fonseca Marques, a 19-1-61.
- \* Ana Cristina, 3.ª filha de Maria Manuela Larroudé Trigo da Reza, a 14-11-61.

### ★

- \* Registamos, com muito gosto (embora com involuntário atraso), o casamento do antigo aluno da classe infantil Eugénio José Martins Cavalheiro, com Maria Teresa Borges, a 14-9-59, e o nascimento do 1.º filho, Pedro, a 7-8-61.

## COIMBRA CASAMENTOS

- \* Maria Júlia Veiga, com António José Pinto Trigo, a 25-11-61.
- \* Ana Paula Martins Ramalheira, com Francisco dos Santos Alves Cateia, a 2-12-61.
- \* Maria Luísa Osório Laureiro Albuquerque, com Alberto Esteves da Costa, a 23-7-61.

## NASCIMENTOS

- \* José Miguel, filho de Rosa Lima da Cunha e Costa, a 20-2-61.
- \* Isabel Cristina, filha de Maria Leonor Mendes Gomes Falcão de Bettencourt, a 18-6-61.
- \* Ana Paula, filha de Maria da Graça Leal Soares Leite Portela, a 29-5-61.
- \* Ana Maria, filha de Maria da Conceição Sá de Aragão Paço de Oliveira, a 26-7-61.

## PORTO — COLÉGIO CASAMENTOS

- \* Maria José da Costa Teles Dinis, com Emídio de Oliveira Neves, a 31-1-61.
- \* Rosa Maria de Melo Sá Osório, com Joaquim Viriato Pinheiro de Sá Lima, a 25-2-61.
- \* Maria Manuela da Silva, com Amadeu Cunha Lima, a 4-3-61.
- \* Maria Alice Ferreira da Silva Oliveira, com Alfredo Carlos Vilares Braga, a 25-3-61.
- \* Maria Manuela de Sousa Araújo, com Orlando Torres Sousa Branca, a 25-3-61.
- \* Maria Manuela Bastos da Cunha Ramos, com José Joaquim de Oliveira Theias, a 19-5-61.
- \* Maria Adelaide Caio Quintas, com José Augusto Gil da Costa Ramos Paz, a 22-6-61.
- \* Margarida Moreira Pereira, com José de Sousa Dourado, a 29-6-61.
- \* Maria Antónia Namura, com Eduardo Manuel Moreno Alves Pereira, a 2-9-61.
- \* Clarinda Antunes Guedes, com José António da Costa Macedo Girão, a 9-9-61.
- \* Maria Manuela Gagean Formigal, com José Manuel Moreira Cardoso da Costa, a 16-12-61.
- \* Maria Amália de Castro de Sequeira Braga, com Helder Borralho Machado, a 13-8-60.

## NASCIMENTOS

- \* Maria da Conceição, 7.ª filha de Maria do Carmo Azeredo da Silveira Sampaio Melo e Lemos, a 13-6-60.
- \* Eduardo João, 1.º filho de Maria dos Prazeres Magalhães Pinto da Cruz, a 24-3-61.
- \* António, 1.º filho de Maria José Nogueira Soares de Sousa Coutinho, a 1-5-61.
- \* Maria Luísa, 1.ª filha de Maria Cândida Cladel do Carmo Perestrelo, a 8-5-61.
- \* André, 2.º filho de Maria Sópas Mello Bandeira, a 8-5-61.
- \* João Augusto, 1.º filho de Maria Luísa Farinas de Almeida Falcão, a 22-5-61.
- \* Pedro Maria, 3.º filho de Maria Eduarda Magalhães Casimira da Costa, a 20-8-61.
- \* Isabel Maria, 2.ª filha de Maria Francisca Pessanha do Lago Montanha Teixeira, a 21-8-61.
- \* Maria da Graça, 8.ª filha de Maria do Carmo Azeredo da Silveira Sampaio Melo e Lemos, a 10-9-61.
- \* Manuel Alexandre, 2.º filho de Margarida Maria Neves Trigueiros de Sousa Pinto, a 17-9-61.
- \* Maria do Carmo, 2.ª filha de Ana Maria Mendonça Sabral Torres Carneiro Pacheco, a 9-10-61.
- \* Luísa Maria, 2.ª filha de Maria Manuela Neves Trigueiros Cunha, a 19-11-61.
- \* Joaquim Miguel, 1.º filho de Rosa Maria de Melo Sá Osório e Sá Lima, a 20-12-61.
- \* Maria Cândida, 2.ª filha de Maria Guilhermina Lacerda de Sousa Cardoso, a 11-1-62.

- \* Luís Miguel, 1.º filho de Maria Amália de Castro de Sequeira Braga Machado, a 11-5-61.

## AVEIRO (COLÉGIO) CASAMENTOS

- \* Maria do Carmo Cruz Gomes, com Leonardo Luís de Matos, a 13-1-60.
- \* Maria Valdemira de Oliveira, com José Miguel Figueiredo, a 16-10-60.
- \* Maria Adelina Ramos V. Borges, com Valentim Martins Morais, a 14-1-62.

## NASCIMENTOS

- \* Maria de Fátima, 1.ª filha de Ana Maria Henriques Sacchetti, a 17-4-54.
- \* Maria Helena, 2.ª filha de Ana Maria Henriques Sacchetti, a 26-3-55.
- \* Maria da Luz, 3.ª filha de Ana Maria Henriques Sacchetti, a 16-12-56.
- \* Maria Isabel, 4.ª filha de Ana Maria Henriques Sacchetti, a 14-5-58.
- \* Ana Maria, 5.ª filha de Ana Maria Henriques Sacchetti, a 2-5-60.
- \* João Pedro, 1.º filho de Maria da Conceição Xavier P. de Melo Ferreira, a 17-8-58.
- \* Maria José, 2.ª filha de Maria da Conceição Xavier P. de Melo Ferreira, a 2-7-59.
- \* Mário Luís, 3.º filho de Maria da Conceição Xavier P. de Melo Ferreira, a 4-9-60.
- \* Paulo Manuel, 4.º filho de Maria da Conceição Xavier P. de Melo Ferreira, a 3-1-62.
- \* João Afonso, 1.º filho de Maria Otília Nunes Filipe da Cruz Aveiro.
- \* Ana Cristina, 2.ª filha de Maria Otília Nunes Filipe da Cruz Aveiro.
- \* Leonel Serrano, 1.º filho de Maria Teresinha Martins Serrano Dias, a 18-1-60.

## GUARDA (COLÉGIO) CASAMENTOS

- \* Maria Iracema de Almeida, com Adalberto de Almeida Domingues, a 3-1-59.
- \* Rita de Jesus Nunes Carvalho, com Joaquim Afonso, a 18-9-60.
- \* Amélia da Conceição Rodrigues, com António Pires Godinho, a 2-4-61.
- \* Maria de Lurdes Martins Elias, com Augusto Beirão Garcia Rodrigues, a 30-12-61.

## NASCIMENTOS

- \* Júlio Manuel, 2.º filho de Maria Dulce Ramão, a 26-4-61.
- \* António Manuel, 1.º filho de Maria Helena Lorga Miranda, a 5-10-58.
- \* José Alexandre, 2.º filho de Maria Helena Lorga Miranda, a 10-9-59.

• Isabel Maria, 2.ª filha de Maria Alexandrina do Carmo Borges Gomes, a 28-2-58.

• Margarida Maria, 3.ª filha de Maria Alexandrina do Carmo Borges Gomes, a 21-6-60.

• Maria Teresa, 3.ª filha de Maria Inês Macedo Rabaça de Carvalho, a 13-11-60.

• Rui José, 1.ª filha de Maria Alina Plasara Matos Agonia Pereira, a 1-11-61.

• António Agostinho, 3.ª filho de Rosa Branco Tracana dos Santos, a 12-11-61.

• Maria de Fátima, 1.ª filha de Alberto Lucília Tavares Bigotte Pina, a 11-5-61.

• Carlos Jorge, 2.ª filho de Elvira da Conceição Panoias Marques, a 6-6-61.

• Maria Helena, 1.ª filha de Maria de Jesus Reis de Sousa, a 25-6-61.

• Paulo Manuel, 1.ª filho de Maria Alzira Cardoso Alexandre Costa Correia, a 10-8-61.

• Paulo, 1.ª filho de Maria Virgínia Tomé Farinhas de Almeida, a 28-1-61.

• José Carlos, 1.ª filho de Maria Helena Silva Ferreira Toscano de Melo, a 11-1-61.

• Rita Maria, 4.ª filha de Maria Malda Pereira d'Almeida Tavares, a 11-4-61.

• Maria Clara, 2.ª filha de Maria Alcida Alencão Fernandes Vale Proença, a 28-8-60.

## FÁTIMA CASAMENTO

• Maria do Céu Torres, com Abel da Silva Matos Correia, a 29-7-61.

## GUIMARÃES CASAMENTOS

• Maria Serafina Cunha Guimarães, com José Manuel da Cunha Vaz Guedes, a 8-4-61.

• Gracinda Maria Rodrigues Pinheiro, com José de Lima Gonçalves, a 9-4-61.

• Maria do Céu Rodrigues, com Afonso Raimundo dos Santos, a 1-7-61.

• Maria Beatriz da Silva Costa, com Antero Pinto Ferreira dos Santos, a 29-7-61.

• Alice da Conceição Beato, com Adalberto Viriato dos Santos, a 25-11-61.

• Maria Lucinda Estrela F. Leão, com Raul Baptista Ferreira, a 8-12-61.

• Maria Manuela Freitas Bravo, com Selso Cruz, a 16-12-61.

• Maria Cândida da Silva, com Manuel Gonçalves Martinho, a 7-1-61.

## NASCIMENTOS

• Maria Margarida, 10.ª filha de Aida da Cunha Guimarães, a 10-9-61.

• Maria de Fátima, 2.ª filha de Luísa da Cunha Guimarães.

• António Miguel, 4.ª filho de Maria Ludovina Cunha Guimarães Diogo da Silva, a 21-10-61.

• Maria Manuela, 4.ª filha de Emília Maria da Cunha Guimarães, a 29-11-61.

• Rita, 1.ª filha de Maria Serafina Moura da Cunha Guimarães, a 24-12-61.

## CASAMENTO

• Maria Fernanda da Couto Rocha, com Manuel Roque de Ascensão, a 18-9-60.

## NASCIMENTOS

• António Manuel, 1.ª filho de Maria Fernanda da Couto Rocha da Ascensão, a 4-7-61.

• Maria Clara, 2.ª filho de Otelinda Beato Tomé Godinho, a 31-3-61.

• Alexandra Maria, 3.ª filho de Maria Luzete Castro Cruz Antunes, a 4-4-61.

• Maria da Conceição, 1.ª filha de Rosa Fernanda Fonseca Libânio, a 12-5-61.

• José, 2.ª filha de Maria Emília Beirão Carapito, a 16-3-61.

• António Manuel, 2.ª filho de Maria Elisa de Carvalho Silva Martins, a 18-11-61.

## NA MÃO DE DEUS — GUARDA

### LIZETA DA CONCEIÇÃO PEREIRA GONÇALVES

Ainda frequentava a Secção de Ciências do 5.º Ano quando a morte veio buscá-la bruscamente após uma doença dolorosa. Contava apenas 22 anos e era muito querida das suas mestras e companheiras.

## IRMÃ RITA DINIS

/11/960.

Foi esconder-se em Deus aquela cujas virtudes extraordinárias não a deixaram — bem contra sua vontade! — esconder-se aos olhos de todos os que com ela contactavam. De uma extrema delicadeza de coração e de um sentido muito apurado do Divino, a sua presença era reconfortante, quando a víamos

passar ocupada nas lides caseiras, durante o tempo que residiu no Lar de Coimbra.

Uma Universitária

### IRMÃ MAFALDA GONÇALVES

7/4/961.

Dia tão desejado já mais se viu. A sua grande preocupação, nos últimos tempos, era se Deus demoraria a vir buscá-la.

A sua intimidade com Deus deu-lhe o sentido apostólico da vida.

## EDIÇÕES CORMARIAE

Apóstolo e Fundador — Porto, 1939	5\$00
A obra mais bela — Lisboa, 1945	15\$00
Vidas Vivas — Coimbra, 1948	30\$00
Cem anos ao Serviço do S. C. de Maria — Coimbra, 1948 (extracto de	

Se as ler, ficará sabendo a maravilhosa história do Instituto do Sagrado Coração de Maria, a sua expansão no mundo e a visão rasgada e actual dos problemas da juventude, que condiciona o seu sistema educativo.

Vidas Vivas) .....	5\$00	O Instituto do S. Coração de Maria (álbum ilustrado) — Noviciado, Braga, 1958 .....	50\$00
O Ideal Fundador (1.ª e 2.ª vol.) — Braga, 1955, 1957	5\$00	Cormariae — Anos de 1950, 1951, 1952, 1953, 1954, 1955, 1956, 1957, 1960 e 1961) à venda nos Colégios) .....	20\$00
R. da Cunha — Lux ao alto (vida da Madre Maria de Assis) — Coimbra, 1952 ..	20\$00		
R. da Cunha — Dá o sol na minha janela (2.ª edição) — Coimbra, 1954 .....	20\$00		

## A INFLUÊNCIA RELIGIOSA NA LINGUAGEM POPULAR,

- (1) Cf. Dicionário de Morais.
- (2) Cf. Dicionário de Caldas Aulete.
- (3) H. Gomes Fradinho, *Maneiras de dizer alentejanas*, in «Revista Lusitana», XXXI, p. 104.
- (4) Pedro Ivo, *Contas*, p. 13.
- (5) J. Diogo Ribeiro, *Linguagem popular de Turquel*, in «Revista Lusitana», XXVIII, p. 135.
- (6) Eduardo Noronha, *Alfama*, p. 200.
- (7) J. Diogo Ribeiro, *Turquel folclórico*, in «Revista Lusitana», XXI, p. 290.
- (8) Aquilino Ribeiro, *Estrada de Santiago*, p. 92.

- (9) Aquilino Ribeiro, *Terras do Demo*, p. 22.
- (10) Adelino Cordero, *A língua e a literatura popular de Penamacor*, p. 51.
- (11) Eduardo Noronha, *Alfama*, p. 421.
- (12) Carlos Selvagem, *Entre Giestas*, p. 120.
- (13) Aquilino Ribeiro, *Estrada de Santiago*, p. 109.
- (14) Alfredo Cortês, *Ta Mar*, p. 74.
- (15) J. Diogo Ribeiro, *Linguagem popular de Turquel*, in «Revista Lusitana», XXVIII, p. 171.

LAUS DEO  
ET MARIAE

SUMÁRIO

	Pág.
Editorial, M.ª de Chantal Carvalhaes, R.S.C.M. ....	2
África — a grande aventura, Maria Aloísia Fernandes R.S.C.M. (Sup. Prov.)	4
Em Moçambique .....	5
Vida Missionária em Quelimane .....	6
Noivas do Colégio de Quelimane .....	7
Vitral, M. Pazzi, R.S.C.M. ....	8
Vida Missionária no Gurúé .....	10
Missão de S. João Baptista, na Morrumbala .....	12
Escola Normal do S. C. de Maria, no Dondo (Beira) .....	14
A alma de Portugal chora a sua filha predilecta, P. Costa Maia .....	18
Ansiedade (poema), M. Pazzi, R.S.C.M. ....	20
Passos da Vida, M.ª de Chantal Carvalhaes, R.S.C.M. ....	21
Os nossos pequeninos .....	24
A influência religiosa na linguagem popular, Margarida de Jesus Torres, R.S.C.M. ....	27
Vida Colegial em Quelimane .....	30
Vida Colegial no Gurúé .....	32
Os nossos Irmãos os Pobres .....	33
Noivas do Colégio de Lisboa .....	40
Ao ritmo dos tempos na largueza do Eterno .....	42
Comemorações do 20.º aniversário da fundação do Colégio do S. Coração de Maria, de Lisboa .....	45
Apelo (poema), M. Pazzi, R.S.C.M. ....	49
Braga — Casa de Formação .....	50
Ensaio literários .....	52
Com os nossos pequeninos — Ensino Pré-Escolar .....	54
Vida Colegial — Porto, Guimarães, Braga .....	59
Noivas do Colégio do Porto .....	62
Na paz do teu regaço (poema), Ercília Ema .....	63
Noivas dos Colégios da Guarda e Guimarães .....	64
Do Álbum de 1961 .....	65
Lar Universitário Feminino, de Coimbra .....	66
Futuras Mães .....	68
Residência Universitária Feminina, de Lisboa .....	70
Vida Colegial — Guarda, Fátima, Portalegre .....	74
Jubileu de Oiro (Brasil) .....	76
Lares Académicos — Guarda, Viseu, Braga, Aveiro .....	77
Por um Mundo Melhor .....	78
Curso de Férias .....	79
Noivas de 1961 .....	80
Três dias com os Anjos, Maria das Mercês, R.S.C.M. ....	81
Noticiário .....	82

BIBLIOTECA DAS FONTES

R S C M

Com Licença Eclesiástica

PROVÍNCIA BRASILEIRA

